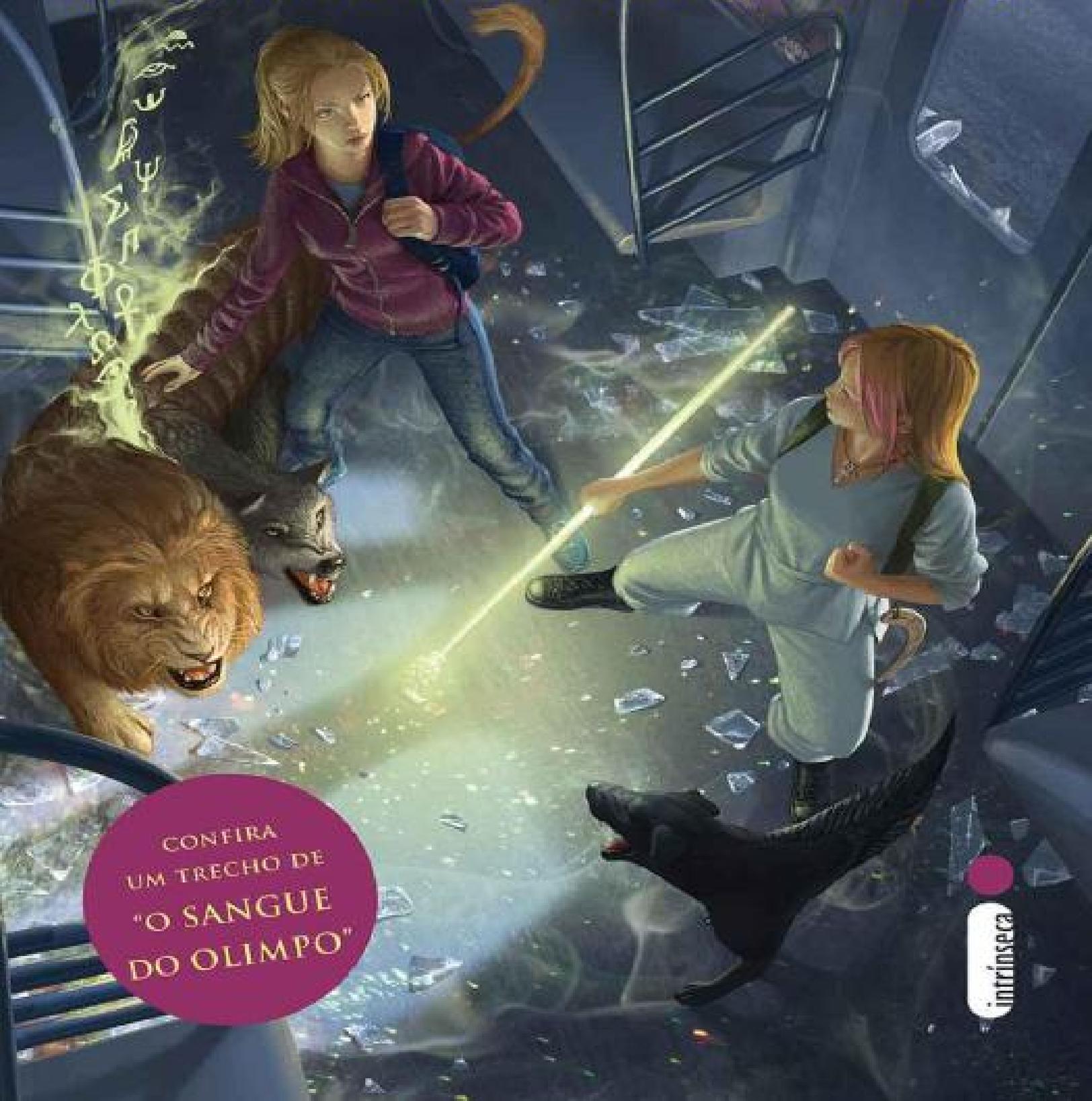


# RICK RIORDAN

## O CAJADO DE SERÁPIS

COM ANNABETH CHASE E SADIE KANE



CONFIRA  
UM TRECHO DE  
"O SANGUE  
DO OLIMPO"

imrinsaca

# DADOS DE COPYRIGHT

## Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

## Sobre nós:

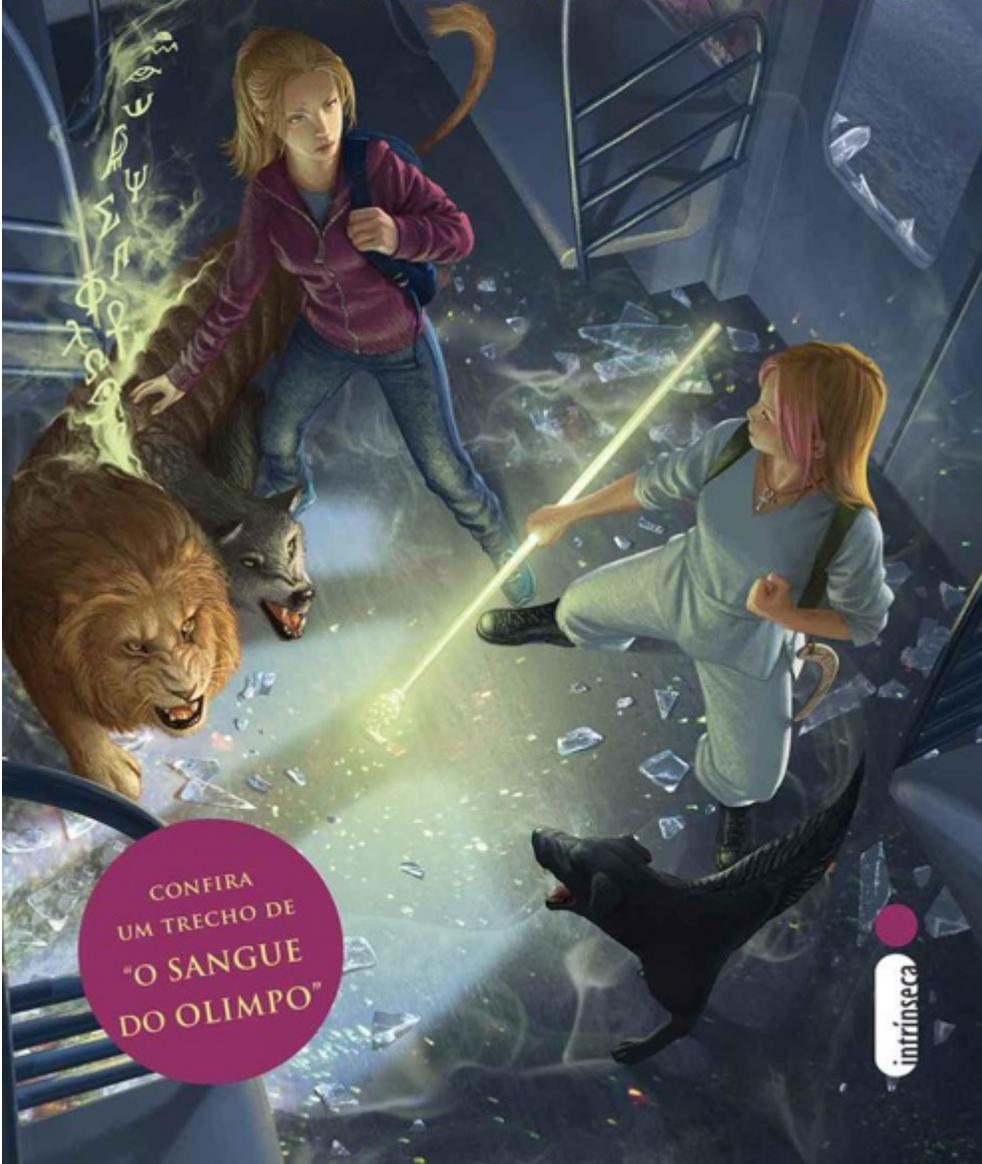
O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [xlivros.com](http://xlivros.com) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

***Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.***

# RICK RIORDAN

## O CAJADO DE SERÁPIS

COM ANNABETH CHASE E SADIE KANE



CONFIRA  
UM TRECHO DE  
"O SANGUE  
DO OLIMPO"

intrinsic



Rick Riordan

O CAJADO DE SERÁPIS

UMA AVENTURA DE ANNABETH CHASE E SADIE KANE

TRADUÇÃO DE REGINA WINARSKI

Copy right © 2014 by Rick Riordan

Edição em português negociada por intermédio de Nancy Gallt  
Literary Agency e Sandra Bruna

Agencia Literaria, S.L.

TÍTULO ORIGINAL

The Staff of Serapis

REVISÃO

Juliana Pitanga

REVISÃO DE EPUB

Viviane Maurey

ILUSTRAÇÃO DOS HIERÓGLIFOS

Michelle Gengaro-Kokm en

Reproduzido com perm issão da Disney Hy perion Books. Todos os direitos reservados.

ARTE DE CAPA

Antonio Javier Caparo

ADAPTAÇÃO DE CAPA

Julio Moreira

GERAÇÃO DE EPUB

Intrínseca

E-ISBN

978-85-8057-635-1

Edição digital: 2014

*Todos os direitos desta edição reservados à*

EDITORA INTRÍNSECA LTDA.

Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar

22451-041 — Gávea

Rio de Janeiro — RJ

Tel./Fax: (21) 3206-7400

[www.intrinseca.com.br](http://www.intrinseca.com.br)



## **Sumário**

[Capa](#)

[Folha de rosto](#)

[Créditos](#)

[Mídias sociais](#)

[O cajado de Serápis](#)

[Leia um trecho de O sangue do Olimpo](#)

[Sobre o autor](#)

[Saiba mais sobre as séries do autor](#)

[Títulos relacionados](#)

Annabeth achava que o dia não podia piorar até o momento em que viu o monstro de duas

cabeças.

Ela passou a manhã toda fazendo trabalhos atrasados da escola. (Faltar aulas com frequência

para salvar o mundo de monstros e deuses gregos canalhas estava acabando com suas boas

notas.) Depois, teve que dispensar um filme e com o namorado, Percy, e alguns amigos, para

poder concorrer a um estágio de férias de verão em uma empresa de arquitetura. Infelizmente,

seu cérebro tinha virado papinha de bebê. Ela estava certa de que fora mal na entrevista.

Finalmente, por volta das quatro da tarde, quando se arrastava pelo parque da Washington

Square caminhando da estação de metrô, ela pisou em uma bosta de vaca fresquinha.

Olhou com irritação para o céu.

— Hera!

Os pedestres olharam para ela com expressões esquisitas, mas Annabeth não se importou.

Estava cansada das brincadeiras da deusa. Já tinha feito *tantas* missões para Hera, mas a

rainha do céu continuava a deixar presentes de seu animal sagrado bem onde Annabeth podia

pisar. A deusa devia ter um rebanho de vacas dissimuladas patrulhando Manhattan.

Quando chegou à estação da rua Quatro Oeste, Annabeth já estava mal-humorada e exausta e

só queria pegar o trem F até a casa de Percy. Estava tarde para o cinema, mas talvez eles

pudessem jantar ou fazer alguma outra coisa.

E, então, ela viu o monstro.

Annabeth já tinha visto muita coisa doida antes, mas aquela fera ia direto para a lista "O que

os deuses estavam pensando?". Parecia um leão e um lobo grudados, colados de bunda em uma

concha de caranguejo morto.

A concha em si era uma espiral marrom, com uma casquinha de sorvete, com quase dois

metros de comprimento e uma marca irregular no meio, como se tivesse rachado e depois sido

colada de volta. Saindo de cima havia as pernas dianteiras e a cabeça de um lobo cinzento, à

esquerda, e um leão de juba dourada, à direita.

Os dois animais não pareciam felizes por compartilhar a concha. Eles a arrastaram pela

plataforma, ziguezagueando, enquanto um tentava ir para um lado e outro seguia para o lado

oposto. Rosnaram um para o outro com irritação. Depois, pararam e farejaram o ar.

Passageiros seguiam direto. A maioria contornava o monstro e o ignorava. Alguns só franziam

a testa ou pareciam irritados.

Annabeth já tinha visto a Névoa em ação muitas vezes, mas sempre ficava impressionada

com a forma como o véu mágico era capaz de distorcer a visão mortal, tornando até o mais

feroz dos monstros uma coisa explicável: um cachorro vadio ou talvez um sem-teto enrolado em

um saco de dormir.

As narinas do monstro se dilataram. Antes que Annabeth pudesse decidir o que fazer, as duas

cabeças se viraram e olharam diretamente para ela.

Annabeth buscou sua faca. Então se lembrou de que não tinha uma. No momento, sua arma

ma sala mortal era a mochila, que estava lotada de pesados livros da biblioteca pública sobre

arquitetura.

Ela acalmou a respiração. O monstro estava a quase dez metros de distância.

Lutar com um leão-lobo-caranguejo no meio de uma estação de metrô lotada não era sua

primeira opção, mas, se fosse necessário, faria isso. Ela era filha de Atena.

Então encarou a fera, deixando claro que estava disposta a brigar.

— Pode vir, Caranguejo — disse ela. — Espero que você tenha alta tolerância à dor.

As cabeças de leão e de lobo mostraram os dentes. O chão tremeu. O ar correu pelo túnel

enquanto um trem chegava.

O monstro rosnou para Annabeth. Ela poderia jurar que havia uma expressão de

arrependimento nos olhos dele, com o pensamento: *Eu adoraria partir você em pedacinhos, mas*

*tenho um compromisso em outro lugar.*

Naquele momento, o bicho se virou e saiu andando, arrastando a enorme concha atrás. Ele

desapareceu escada acima, na direção do trem A.

Por um momento, Annabeth ficou perplexa demais para se mexer. Poucas vezes ela tinha

visto um monstro deixar um sem ideias em paz assim. Se houvesse chance, os monstros quase

*sempre* atacavam.

Se aquele Caranguejão de duas cabeças tinha alguma coisa em mente para fazer do

que a matá-la, Annabeth queria saber o que era. Não podia deixar o monstro seguir com seus

planos nefastos e usar o transporte público sem pagar.

Ela olhou com tristeza para o trem F que a levaria para a casa de Percy, e saiu correndo

escada acima, atrás do monstro.

\* \* \*

Annabeth pulou no vagão quando as portas estavam se fechando. O trem se afastou da

plataforma e mergulhou na escuridão. As luzes piscavam. Os passageiros se balançavam. Todos

os assentos estavam tomados. Havia uns doze passageiros de pé, oscilando e segurando em barras

e apoios de metal.

Annabeth só conseguiu ver o Caranguejão quando alguém em frente dela gritou:

— Cuidado, seu esquisito!

O lobo-leão-caranguej o estava abrindo cam inho, rosnando para os m ortais, m as os

passageiros só agiam com a irritação com um vista no m etrô de Nova York. Talvez eles vissem o

m onstro com o um bêbado qualquer.

Annabeth foi atrás.

Quando Caranguej o abriu as portas para o vagão seguinte e a atravessou, Annabeth reparou

que a concha cintilava levem ente.

Estava assim antes? Símbolos vermelhos em neon giravam ao redor do m onstro: letras gregas,

signos astrológicos e pictogramas. *Hieróglifos egípcios.*

Um arrepio se espalhou entre as clavículas de Annabeth. Ela se lembrou de um a coisa que

Percy lhe havia contado algum as semanas antes, sobre um encontro que tivera e que parecia tão

im possível que ela supôs que ele estivesse brincando.

Mas agora...

Ela abriu cam inho entre a m ultidão para seguir o Caranguej o até o vagão seguinte.

Não havia dúvidas de que a concha da criatura estava brilhando m ais intensam ente naquele

m omento. Quando Annabeth se aproximou, com eçou a se sentir enjoada. Teve um a sensação

quente dentro de si, com o se houvesse um anzol preso no um bigo, puxando-a para a direção do

monstro.

Annabeth tentou se acalmar. Tinha dedicado a vida a estudar os espíritos da Grécia Antiga, os

animais e os *daímōns*. O conhecimento era sua maior arma. Mas essa coisa meio caranguejo de

duas cabeças... Annabeth não tinha padrão de referência. Sua bússola interna estava girando sem

chegar a lugar algum.

Ela desejou estar com mais gente. Estava com o celular, mas, mesmo se conseguisse sinal lá

em baixo, para quem ligaria? A maioria dos semideuses não andava com celular. O sinal atrairia

monstros. Percy estava do outro lado da cidade. Quase todos os seus amigos estavam no

Acampamento Meio-Sangue, na parte norte de Long Island.

O Caranguejo seguiu abrindo caminho para a parte da frente do trem.

Quando Annabeth o alcançou no vagão seguinte, a aura do monstro estava tão forte que até os

portais começaram a reparar. Muitos estavam com ânsia de vômito e encolhidos nas cadeiras,

como se alguém tivesse aberto um armário cheio de refeições estragadas. Outros caíram

desmaiados no chão.

Annabeth estava tão nauseada que sentiu vontade de recuar, mas a sensação de ser puxada por

um anzol continuava em seu ombro, levando-a na direção do monstro.

O trem entrou aos solavancos na estação da rua Fulton. Assim que as portas se abriram, todos

os passageiros ainda conscientes saíram cambaleando. A cabeça de lobo do Caranguejo se

esticou para uma senhora e, com os dentes, agarrou sua bolsa quando ela tentou fugir.

— Ei! — gritou Annabeth.

O monstro soltou a mulher.

Os dois pares de olhos grudaram em Annabeth, como se pensando: *Quer morrer?*

Em seguida, ele jogou as cabeças para trás e rugiu em harmonia. O som atingiu Annabeth

como um furador de gelo entre os olhos. As janelas do vagão racharam. Mortais que haviam

desmaiado voltaram à consciência num susto. Alguns conseguiram sair rastejando pelas portas.

Outros pularam pelas janelas quebradas.

Com a visão embaçada, Annabeth viu o monstro agachado, apoiado nas patas da frente,

diferentes entre si, pronto para pular.

O tempo ficou mais devagar. Ela percebeu vagamente as portas com vidros quebrados se

fechando, o trem então vazio saindo da estação. Seria possível que o condutor não tivesse

percebido o que estava acontecendo? Seria possível que o trem estivesse seguindo no piloto

automático?

Agora a apenas três metros dele, Annabeth reparou em outros detalhes do monstro. A aura

vermelha parecia brilhar mais na marca da concha. Letras gregas e hieróglifos egípcios

cintilantes jogavam com o gás vulcânico de uma fissura no fundo do mar. A pata dianteira

esquerda do leão estava raspada no pulso e tinha tatuada uma série de listras pretas pequenas.

Dentro da orelha esquerda do lobo havia uma etiqueta de preço que marcava U\$99,99.

Annabeth segurou a alça da mochila. Estava prestes a jogá-la no monstro, mas não seria uma

boa arma. Por isso, ela usou sua tática de sempre ao encarar um inimigo mais forte: começou a

falar.

— Você é feito de duas partes diferentes — disse ela. — Parecem ... pedaços de uma estátua

que ganhou vida. Vocês foram fundidos um com o outro?

Era pura conjectura, mas o rugido do leão fez Annabeth achar que tinha acertado na moeda. O

lobo mordiscou a bochecha do leão com o sem andando-o calar a boca.

— Vocês não estão acostumados a trabalhar juntos — sugeriu Annabeth. — Sr. Leão, o senhor

tem um número de identificação na pata. Era um artefato de museu. Talvez do Met?

O leão rugiu tão alto que os olhos de Annabeth tremiam.

— Acho que isso é um sim. E senhor, sr. Lobo... essa etiqueta na orelha... o senhor estava à

venda em alguma loja de antiguidades?

O lobo rosnou e deu um passo na direção dela.

Enquanto isso, o trem continuou seguindo para o rio East. O vento frio entrava pelas janelas

quebradas e fez Annabeth bater os dentes.

Todos os instintos ainda estavam correndo, mas suas pernas pareciam estar se dissolvendo. A aura

do monstro foi ficando mais intensa e enchendo o ar com símbolos enevoados e luz sangrenta.

— Você... você está ficando mais forte — reparou Annabeth. — Está indo a algum lugar, não

é? E quanto mais perto chega...

As cabeças do monstro rosaram de novo em harmonia. Uma onda de energia vermelha se

espalhou pelo vagão. Annabeth precisou lutar para ficar consciente.

Caranguejo chegou mais perto. A concha se expandiu, com a fissura no centro ardendo com o

ferro derretido.

— Calma — gemeu Annabeth. — Eu... entendi agora. Você ainda não terminou. Está

procurando por uma outra parte. Uma terceira cabeça?

O monstro parou. Os olhos brilharam com atenção, com o seu dizendo: *Você andou lendo meu*

*diário?*

A coragem de Annabeth aumentou. Ela estava finalmente entendendo o inimigo. Já tinha

enfrentado muitas criaturas de três cabeças antes. Quando se tratava de seres míticos, *três* era

uma espécie de número mágico. Fazia sentido esse monstro ter outra cabeça.

Caranguejo era algum tipo de estátua dividida em pedaços. Só que alguma coisa o tinha

despertado. Ele estava tentando se regenerar.

Annabeth concluiu que não podia deixar aquilo acontecer. Os hieróglifos e letras gregas

vermelhas e brilhantes flutuavam ao redor dele com o um pavio em  
chamas, irradiando um a

magia que parecia fundamentalmente *errada*, com o se  
dissolvesse devagar a estrutura celular de

Annabeth.

— Você não é exatamente um monstro grego, é? — arriscou ela. —  
É do Egito?

Caranguejo não gostou desse comentário. Ele mostrou os dentes e  
se preparou para atacar.

— Opa, rapaz — disse ela. — Você ainda não está com força total,  
está? Se me atacar agora,

vai perder. Afinal, vocês dois não confiam um no outro.

O leão inclinou a cabeça e rugiu.

Annabeth fingiu uma expressão de choque.

— Sr. Leão! Com o que pode dizer isso sobre o sr. Lobo?

O leão piscou, sem entender.

O lobo olhou para o leão e rosnou com desconfiança.

— Sr. Lobo! — Annabeth ofegou. — O senhor não devia usar esse  
tipo de linguagem para falar

de seu amigo!

As duas cabeças se viraram uma para a outra, mordendo e  
uivando. O monstro oscilou quando

as patas dianteiras seguiram em direções opostas.

Annabeth sabia que só conseguira ganhar alguns segundos. Ela vasculhou a mente, tentando

descobrir o que aquela criatura era e com o que poderia derrotá-la, mas aquilo era diferente de tudo o

que ela conseguia se lembrar das aulas no Acampamento Meio-Sangue.

Ela considerou ir para trás do monstro, para talvez tentar quebrar a concha, mas, antes de

poder fazer isso, o trem diminuiu a velocidade. Eles pararam na estação da rua High, a primeira

parada do Brooklyn.

A plataforma estava estranhamente vazia, mas um brilho de luz ao lado da escada de saída

chamou a atenção de Annabeth. Um jovem loiro de roupas brancas brandia um cajado de

madeira para tentar bater em um animal estranho que corria ao redor das pernas dela, latindo

com raiva. Dos ombros para cima, a criatura parecia um labrador preto, mas o fim das costas

era só uma ponta estreita, com uma cauda calcificada de um girino.

Annabeth teve tempo de pensar: *A terceira parte.*

E então a garota loira bateu no focinho do cachorro. O cajado emitiu luz dourada, e o

cachorro se lançou para trás, direto por uma janela quebrada na extremidade do vagão de

Annabeth.

A garota loura foi atrás. Pulou, passando pelas portas que se fechavam na hora em que o trem

ia sair da estação.

Por um momento, todos ficaram ali, duas garotas e dois monstros.

Annabeth examinou a garota na outra ponta do vagão e tentou avaliar o nível de ameaça.

A recém-chegada usava uma calça de linho branco e blusa combinando, com o mesmo uniforme e

de caratê. Os coturnos com bicos de aço pareciam capazes de provocar grande dano em uma

luta. Carregava uma mochila azul de náilon pendurada no ombro esquerdo com uma vara curva

de madeira — um bumerangue? — pendurada na alça. Mas a arma mais intimidante da garota

era o cajado de madeira branca, com um anel ou um enfeite no meio e com a cabeça de uma

águia entalhada. Ele cintilava, com o bronze celestial.

Annabeth olhou nos olhos da garota e foi tomada por uma sensação de déjà-vu.

A Garota Caratê não devia ter mais de treze anos. Os olhos eram azuis brilhantes, com os dos

filhos de Zeus. Os cabelos louros com pridos tinham mechas roxas. Ela se parecia muito com

um a filha de Atena — pronta para o com bate, rápida, alerta e destem ida. Annabeth sentiu com o

se estivesse vendo a si m esm a de quatro anos antes, por volta da época em que conheceu Percy

Jackson.

Mas a Garota Caratê falou e afastou essa fantasia.

— Certo. — Ela soprou um a m echa roxa do rosto. — Com o se m eu dia j á não estivesse

esquisito o suficiente.

*Britânica*, pensou Annabeth. Mas não teve tem po para refletir sobre isso.

O cachorro-girino e o Caranguej o tinham ficado no centro do vagão, a uns cinco m etros de

distância, olhando um para o outro com surpresa. Mas, no m om ento, eles j á haviam superado o

choque. O cachorro uivou, um grito triunfante de *Encontrei você!* E o leão-lobo-caranguej o

correu para se encontrar com o outro m onstro.



— Detenha-os! — gritou Annabeth.

Ela pulou nas costas de Caranguejo, e as patas da frente desabaram pelo peso adicional.

A outra garota gritou alguma coisa que pareceu "Mar!"

Uma série de hieróglifos dourados brilhou no ar:

A criatura canina camaleão para trás, engasgando com o se tivesse engolido uma bola de

bilhar.

Annabeth lutou para segurar Caranguejo, mas a fera tinha o dobro de seu peso. O monstro se

ergueu nas patas dianteiras para tentar jogá-la longe. As duas cabeças se viraram para mostrar o

rosto dela.

Felizmente, ela já havia colocado rédeas em muitos pégasos selvagens no Acampamento

Meio-Sangue. Annabeth conseguiu manter o equilíbrio enquanto tirava a mochila. Bateu com dez

quilos de livros de arquitetura na cabeça do leão e passou a alça pela boca do lobo, puxando-a

com força.

Enquanto isso, o trem emergiu para a luz do sol. Eles sacudiram pelos trilhos elevados do

Queens, com ar fresco entrando pelas janelas quebradas e caquinhos de vidro dançando nos

assentos.

Com o canto do olho, Annabeth viu o cachorro se recuperar do acesso de engasgo. Ele pulou

na Garota Caratê, que lançou o bum erangue de m arfim e acertou o m onstro com outro raio

dourado.

Annabeth desejou ser capaz de gerar raios dourados. Tudo que tinha era um a m ochila idiota.

Ela fez o m elhor para dom inar o Caranguej o, m as o m onstro parecia ficar m ais forte a cada

segundo enquanto a aura verm elha da coisa enfraquecia Annabeth. Sua cabeça parecia cheia de

algodão. O estôm ago deu um nó.

Ela perdeu a noção do tem po enquanto lutava com a criatura. Só sabia que não podia deixar

aquilo se acoplar à coisa com cabeça de cachorro. Se o m onstro virasse um sei lá o quê de três

cabeças, talvez fosse im possível detê-lo.

O cachorro atacou a Garota Caratê de novo. Dessa vez, derrubou-a. Annabeth, distraída, não

conseguiu se segurar no m onstro caranguej o, e ele a jogou longe. Ela bateu com a cabeça na

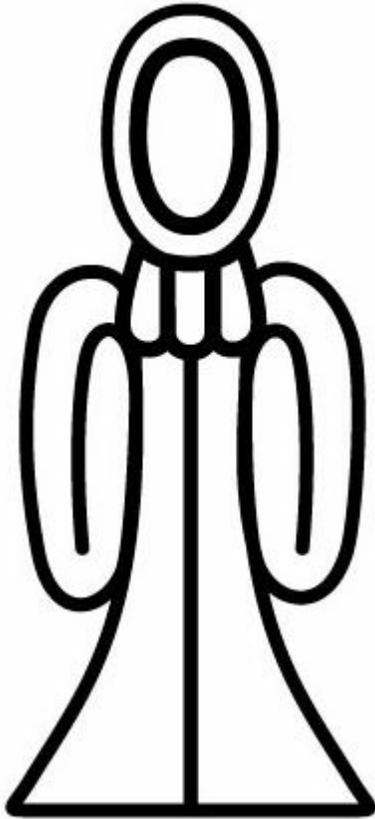
beirada de um a cadeira.

Suas orelhas estalaram quando a criatura rugiu em triunfo. Um a onda de energia quente e

vermelha se espalhou pelo vagão. O trem tomou para o lado, e Annabeth voou com o se não

existisse força da gravidade.

\* \* \*



— Vão se levantar — disse uma voz de garota. — Tem que sair daqui.

Annabeth abriu os olhos. O mundo girava. Sirenes de emergência berravam ao longe.

Ela estava deitada de costas sobre uma gramínea espinhosa, a garota loura do trem inclinada

sobre ela, puxando seu braço.

Annabeth conseguiu se sentar. Sentia como se alguém tivesse martelado pregos quentes em

sua caixa torácica. Quando sua visão clareou, ela se deu conta de que tinha sorte de estar viva. A

aproximadamente cinquenta metros de distância, o trem do metrô tinha saído dos trilhos. Os

vagões estavam caídos de lado em um zigue-zague de ruína quebrada e fumegante que fez

Annabeth lembrar da carcaça de um *drakon* (infelizmente, ela tinha visto várias).

Ela não viu mortos feridos. Com sorte, todos tinham saído do trem na estação da rua Fulton.

Mesmo assim ... que desastre.

Annabeth reconheceu onde estava: na praia Rockaway. Alguns metros à

esquerda, terrenos vazios e cercas de arame e amassadas levavam a uma praia de areia amarela

cheia de piche e lixo. O mar se agitava sob um céu nublado. À direita de Annabeth, depois dos

trilhos do trem, havia uma sequência de prédios residenciais tão mal cuidados que podiam ser

prédios inventados feitos de embalagens velhas de geladeira.

— Alôôô!! — A Garota Caratê sacudiu o ombro dela. — Sei que você deve estar em estado de

choque, mas tem os que ir. Não quero ser interrogada pela polícia carregando *essa* coisa.

A garota se afastou para a esquerda. Atrás dela, no asfalto rachado, o monstro labrador preto

pulava com o um peixe fora d'água, com o focinho e as patas presos com um a corda dourada

cintilante.

Annabeth olhou para a garota mais nova. Ao redor do pescoço dela brilhava um a corrente

com um amuleto prateado, um símbolo que era um a mistura de *ankh* egípcio com um biscoitinho

com forma de menino.

Ao lado dela estavam o cajado e o bumerangue de madeira, ambos entalhados com hieróglifos

e imagens de monstros estranhos e *nada* gregos.

— Quem é você? — perguntou Annabeth.

Um sorriso surgiu no canto da boca da garota.

— Normalmente, não digo meu nome para estranhos. Vulnerabilidade mágica, essas coisas.

Mas tenho que respeitar uma pessoa que luta contra um monstro de duas cabeças com apenas

uma moeda. — Ela estendeu a mão. — Sadie Kane.

— Annabeth Chase.

Elas se cumprimentaram .

— É um prazer conhecer você, Annabeth — disse Sadie. — Agora vamos os levar nosso

cachorro para passear, certo?

\* \* \*

Elas saíram bem na hora.

Em poucos minutos, veículos de socorro cercaram os restos do trem e um grupo de

espectadores vindos dos prédios próximos se reuniu.

Annabeth estava mais enojada do que nunca. Pontos vermelhos dançavam diante de seus

olhos, mas ainda assim ela ajudou Sadie a arrastar a criatura canina de costas pelo rabo para as

dunas de areia. Sadie pareceu ter prazer em puxar o monstro por cima de todas as pedras e

garrafas quebradas que encontrava.

A fera rosava e se contorcia. A aura vermelha brilhava mais intensamente, enquanto a corda

dourada parecia se apagar.

Normalmente, Annabeth gostava de andar na praia. O oceano lembrava Percy. Mas naquele

dia estava com fome e exausta. A mochila ia ficando mais pesada a cada momento, e a magia

da criatura canina provocava-lhe ânsia de vômito.

Além disso, a praia Rockaway era um lugar depressivo. Um furacão gigantesco tinha passado

ali há mais de um ano antes, e os danos ainda eram visíveis. Alguns dos prédios residenciais ao longe

foram reduzidos a blocos, com as janelas tapadas por madeira e paredes de concreto pichadas.

Madeira podre, pedaços de asfalto e metal retorcido sujavam a praia. As colunas de um píer

destruído se projetavam da água. O próprio mar batia a costa com ressentimento, com o

se dizendo: *Não me ignore. Posso sempre voltar e terminar o serviço.*

Finalmente, eles chegaram a uma van de venda de sorvete abandonada meio afundada nas

dunas. Pintadas na lateral, imagens apagadas de outrora guloseimas saborosas fizeram o

estômago de Annabeth roncar em protesto.

— Tenho que parar — murmurou ela.

Ela largou o monstro canino e cambaleou até a van, depois deslizou com as costas na porta do

passageiro.

Sadie se sentou de pernas cruzadas de frente para ela. Remexeu em sua mochila e pegou um

frasco de cerâm ica fechado por um a rolha.

— Aqui. — Ela entregou para Annabeth. — É delicioso. Beba.

Annabeth observou o frasco com cautela. Estava pesado e quente, com o se cheio de café.

— Hum ... isso não vai soltar nenhum raio dourado, e *cabrum!*, na m inha cara?

Sadie riu com deboche.

— É só um a poção curativa, boba. Um a am iga m inha, Jaz, prepara a m elhor do m undo.

Annabeth ainda estava hesitante. Já tinha experim entado poções antes, preparadas pelos filhos

de Hécate. Norm alm ente, tinham gosto de sopa de água suj a, m as pelo m enos eram feitas para

funcionar em sem ideuses. O que havia naquele frasco definitivam ente não era.

— Não sei se devo experim entar — disse ela. — Eu... não sou com o você.

— *Ninguém* é com o eu — concordou Sadie. — Sou m aravilhosa de um a form a única. Mas, se

você quer dizer que não é m ágica, bem , dá para *ver* isso. Norm alm ente, nós lutam os com

caj ados e varinhas. — Ela bateu na vara branca entalhada e no bum erangue de m arfim a seu

lado. — Mesm o assim , acho que m inhas poções devem funcionar em você. Você lutou com um

m onstro. Sobreviveu àquele acidente de trem . *Não pode* ser normal.

Annabeth riu fracamente. Achou a prepotência da garota de certo modo revigorante.

— Não, definitivamente não sou normal. Sou uma sem deusa.

— Ah. — Sadie bateu com os dedos na varinha curva. — Desculpe, isso é novidade para mim .

Uma *sem deusa*?

— Sem deusa — corrigiu Annabeth. — Meio deusa, meio mortal.

— Ah, certo. — Sadie respirou aliviada. — Já hospedei Ísis em minha cabeça várias vezes.

Quem é *seu* amigo especial?

— Meu... não. Eu não *hospedo* ninguém . Minha mãe é uma deusa grega, Atena.

— Sua mãe.

— É.

— Uma deusa. Uma deusa *grega*.

— É. — Annabeth reparou que a nova amiga estava pálida. — Acho que não deve ter esse tipo

de coisa, não, no lugar de onde você é.

— No Brooklyn? — refletiu Sadie. — Não. Acho que não. Nem em Londres. Nem em Los

Angeles. Não me lembro de ter conhecido *semideuses* gregos em nenhum desses lugares.

Mesmo assim, quando alguém já enfrentou babuínos mágicos, deusas-gatas e anões de sunga,

não se surpreende com facilidade.

Annabeth não tinha certeza se tinha ouvido direito.

— Anões de sunga?

— Aham. — Sadie olhou para o monstro canino, ainda se contorcendo com as amarras

douradas. — Mas o problema é o seguinte. Alguns meses atrás, minha mãe me avisou. Ela me

disse para tomar cuidado com outros deuses e outros tipos de magia.

O frasco nas mãos de Annabeth pareceu ficar mais quente.

— Outros deuses. Você mencionou Ísis. Ela é a deusa egípcia da magia. Mas... não é a sua

mãe?

— Não — disse Sadie. — Quer dizer, sim. Ísis é a deusa egípcia da magia. Mas não é minha

mãe. Minha mãe é um fantasma. Bem ... ela era maga na Casa da Vida, com o eu, mas morreu,

então...

— Só um segundo.

A cabeça de Annabeth estava latejando tanto que ela achou que nada poderia deixá-la pior.

Ela abriu o frasco e bebeu a poção toda.

Estava esperando sopa de água suja, mas o gosto na verdade era de suco de morango. Sua

visão clareou imediatamente. O estômago acalmou.

— Uau — disse ela.

— Eu falei. — Sadie deu um sorrisinho arrogante. — Jaz é um tremenda farmácia.

— Você estava dizendo... Casa da Vida. Magia egípcia. Você é com o garoto que eu

namorado conheceu.

O sorriso de Sadie desmoronou.

— Seu namorado... conheceu um a pessoa com o eu? Outro namorado?

A poucos metros de distância, a criatura canina rosnou e se debateu. Sadie não pareceu

preocupada, mas Annabeth estava de olho em como estava ficando fraco o brilho da corda

mágica.

— Foi algum tempo atrás — contou Annabeth. — Percy me contou uma história sobre

sobre ter conhecido um garoto perto da baía Moriches. Aparentemente, o garoto usava

hieróglifos para fazer feitiços. Ele ajudou Percy a lutar contra um grande monstro crocodilo.

— O filho de Sobek! — soltou Sadie. — Mas meu *irmão* lutou contra esse monstro. Ele não

disse nada sobre...

— Seu irmão se chama Carter? — perguntou Annabeth.

Uma aura dourada furiosa brilhou ao redor da cabeça de Sadie, um halo de hieróglifos que

pareciam carrancas, punhos e bonecos de palito mortos.

— A partir desse momento — rosnou Sadie —, o nome do meu irmão é Saco de Pancadas.

Parece que ele não anda mais contando tudo.

— Ah. — Annabeth teve que lutar contra a vontade de chegar para o lado e afastar-se da nova

amiga. Tinha medo de que aqueles hieróglifos furiosos e cintilantes explodissem. — Que chato.

Foi mal.

— Não — disse Sadie. — Eu vou gostar de dar na cara do meu irmão. Mas, primo, me

conte tudo: sobre você, os semideuses, os gregos e qualquer outra coisa que possa ter a ver com

esse nosso amigo canino do mal.

Annabeth contou o que podia.

Norm alm ente, não saía confiando em quem aparecia, m as tinha m uita experiência

interpretando pessoas. Ela gostou de Sadie im ediatam ente: os coturnos, as m echas roxas, a form a

de agir... Pela experiência de Annabeth, pessoas não confiáveis não eram tão abertas sobre

querer dar na cara de alguém . Com certeza não aj udavam um a estranha inconsciente e não

davam poção curativa.

Annabeth descreveu o Acam pam ento Meio-Sangue. Contou algum as das aventuras em que

lutou contra deuses, gigantes e Titãs. Explicou com o viu o caranguej o-leão-lobo de duas cabeças

na estação da rua Quatro Oeste e decidiu ir atrás dele.

— E aqui estou — encerrou Annabeth.

A boca de Sadie trem eu. Parecia que ela ia com eçar a gritar ou chorar. Em vez disso, teve um

acesso de risadinhas.

Annabeth franziu a testa.

— Eu falei algum a coisa engraçada?

— Não, não... — Sadie riu. — Bem ... é um *pouco* engraçado. Quero dizer, estam os sentadas

em um a praia falando sobre deuses gregos. E um acam pam ento para sem ideuses e...

— É tudo verdade!

— Ah, eu acredito em você. É ridículo demais para *não* ser verdade. É só que cada vez que

meu mundo fica mais estranho, eu penso: *Certo. Chegamos ao máximo da esquisitice agora. Pelo*

*menos sei até onde as coisas estranhas podem ir.* Primeiro, descobro que eu e meu irmão somos os

descendentes dos faraós e temos os poderes mágicos. Tudo bem. Sem problema. Depois, descobro

que meu pai, que já estava morto, fundiu a alma com Osíris e se tornou senhor dos mortos.

Brilhante! Por que não? E, então, meu tio assume a Casa da Vida e supervisiona centenas de

magos por todo o mundo. Em seguida, meu namorado acaba se revelando um híbrido de garoto

magos/deus imortal dos funerais. E o tempo todo, estou pensando: *Claro! Fique calma e siga em*

*frente! Eu me ajustei!* Aí você aparece em um a quinta-feira qualquer, la-ri-rá, e diz: *Ah, a*

*propósito, os deuses egípcios são só uma pequena parte do absurdo cósmico. Também temos os*

*gregos com quem nos preocupar. Viva!*

Annabeth não conseguiu acompanhar tudo o que Sadie disse (um namorado deus funerário?),

mas tinha que admitir que rir de tudo aquilo era mais saudável do que se encolher e chorar.

— Tudo bem — admitiu ela. — Tudo parece meio louco, mas acho que faz sentido. Meu

professor Quíron... há anos ele vem dizendo para mim que os deuses antigos são importantes por

serem parte do tecido da civilização. Se os deuses gregos podem existir por todos esses milênios,

por que não poderiam os egípcios?

— Quanto mais, melhor — concordou Sadie. — Mas, hum, e esse cachorrinho? — Ela pegou

um aconchinho e jogou na cabeça do monstro labrador, que rosnou de irritação. — Em um

minuto, ele está sentado na mesa de nossa biblioteca, um artefato inofensivo, um fragmento de

pedra de alguma estátua, é o que achamos. No minuto seguinte, ganha vida e sai correndo da

Brooklyn House. Destroía nossas barreiras mágicas, passa pelos pinguins de Felix e se livra dos

meus feitiços com o se não fossem nada.

— Pinguins? — Annabeth balançou a cabeça. — Não. Esqueça que perguntei.

Ela observou a criatura canina que lutava contra as armaduras. Letras gregas e hieróglifos

vermelhos giravam ao redor dele com o se tentando formar novos  
símbolos, uma mensagem que

Annabeth quase conseguia ler.

— Essas cordas vão aguentar? — perguntou ela. — Parecem frágeis.

— Não esquentar — garantiu Sadie. — Essas cordas já prenderam  
deuses. E não eram deuses

pequenos. Eram dos bem grandes.

— Hã, tá. Então você disse que o cachorro era parte de uma  
estátua. Alguma ideia de *qual*

estátua?

— Nenhum. — Sadie deu de ombros. — Cleo, nossa bibliotecária,  
estava pesquisando isso

quando o Fido aqui acordou.

— Mas tem que ter alguma ligação com o outro monstro, com  
cabeças de lobo e de leão. Tive

uma impressão de que elas também haviam acabado de ganhar vida.  
Elas se fundiram e não

estavam acostumadas a trabalhar em equipe. Entraram no trem em  
busca de alguma coisa,

provavelmente esse cachorro.

Sadie mexeu no pingente prateado.

— Um monstro com três cabeças: de leão, de lobo e de cachorro.  
Todas saindo de... o que era

aquela coisa com forma de cone? Um a concha? Um a tocha?

A cabeça de Annabeth com eçou a girar de novo. *Uma tocha.*

Ela teve um vislumbre de um a lém branca distante, talvez um a imagem que vira em um livro.

Não tinha pensado que o cone do monstro podia ser algo que dava para segurar, alguma coisa

que coubesse em um a mão enorme. Mas não exatamente um a tocha...

— É um cetro — percebeu Annabeth. — Não lembro qual deus o segurava, mas o cajado de

três cabeças era seu símbolo. Ele era... grego, eu acho, mas também era de algum lugar no

Egito...

— Alexandria — sugeriu Sadie.

Annabeth ficou olhando para ela.

— Com o você sabe?

— Bem, é verdade que não sou muito alucada por história com o meu irmão, mas *estive* em

Alexandria. Eu lembro de ter sido a capital onde os gregos governaram o Egito. Alexandre, o

Grande, não era?

Annabeth assentiu.

— Isso mesmo. Alexandre conquistou o Egito e, depois que morreu, seu general, Ptolomeu,

assumiu. Ele queria que os egípcios o aceitassem como o faraó, então misturou os deuses egípcios

e gregos e inventou deuses novos.

— Parece confuso — disse Sadie. — Prefiro meus deuses não misturados.

— Mas tinha um deus em particular... Não consigo lembrar seu nome. A criatura de três

cabeças ficava no topo do cetro dele...

— Bem grande esse cetro — observou Sadie. — Não quero conhecer o sujeito que o carrega

por aí.

— Ah, deuses. — Annabeth se empenhou. — É isso! O caçador não está apenas tentando se

remontar. Está tentando encontrar seu dono.

Sadie fez expressão de escárnio.

— Não gosto nada disso. Precisam os garantir...

O monstro canino uivou. A corda mágica explodiu como uma granada e cobriu a praia de

estilhaços dourados.

\* \* \*

A explosão fez Sadie sair rolando pelas dunas com o um a bola de feno.

Annabeth foi jogada contra a van de sorvete. Seus membros viraram chumbo. Todo o ar foi arrancado dos pulmões.

Se a criatura canina quisesse matá-la, teria conseguido isso facilmente.

Mas ele correu para longe do mar e desapareceu em meio às plantas.

Annabeth, por instinto, procurou uma arma. Pegou com força a varinha curva de Sadie. A dor

a fez ofegar. O mar ficou quente com o gelo seco. Ela tentou saltar, mas as mãos não obedeceram.

Ela então viu a varinha soltar fumaça e um clarão de forma, até a quem adura diminuir e uma

adaga de bronze celestial aparecer, igual à que carregava havia anos.

Ela ficou olhando para a lâmina. Depois ouviu gemidos vindos das dunas ali perto.

— Sadie!

Annabeth lutou para ficar de pé.

Quando chegou à margem, Sadie estava sentada cuspiendo areia. Tinha algas no cabelo, e a

mostrilha estava enrolada em um dos coturnos, mas ela parecia mais furiosa do que ferida.

— Fido idiota! — rosnou ela. — Nada de biscoitos para ele! — Ela franziu a testa para a faca

de Annabeth. — Onde você conseguiu isso?

— Hã... é sua varinha — disse Annabeth. — Eu a peguei e... sei lá. Ela mudou de forma para

a adaga que costumava usar.

— Ah. Bem, itens mágicos têm vontade própria. Fique com ela. Tenho mais em casa. Agora,

para que lado Fido foi?

— Para lá.

Annabeth apontou com a lâmina nova.

Sadie olhou na direção e arregalou os olhos.

— Ah... certo. Na direção da tempestade. Isso é novidade.

Annabeth seguiu o olhar dela. Depois dos trilhos do metrô, não via nada além de um prédio

residencial abandonado, cercado e esquecido, sob um céu do fim de tarde.

— Que tempestade?

— Você não está vendo? — perguntou Sadie. — Espere.

Ela soltou a mochila do coturno e remexeu no que carregava. Tirou outro frasco de cerâmica,

esse mais largo e achatado, com o um pote de creme para o rosto. Destampou e pegou um pouco

de gosm a rosa.

— Me deixe passar um pouco disso nas suas pálpebras.

— Uau, isso m erece levar um *não* autom ático.

— Não sej a fresca. É totalm ente inofensivo... bem , para m agos.  
Provavelm ente para

sem ideuses tam bém .

Annabeth não ficou tranquilizada, m as fechou os olhos. Sadie  
espalhou a gosm a, que form igou

e esquentou com o um a pom ada de m entol.

— Pronto — disse Sadie. — Pode olhar agora.

Annabeth abriu os olhos e levou um susto.

O m undo estava banhado de cores. O chão tinha ficado  
transparente, com cam adas

gelatinosas que levavam à escuridão abaixo. O ar estava coberto de  
véus cintilantes, todos

vibrantes, m as ligeiram ente sem sincronia, com o se m útiplos  
vídeos de alta definição tivessem

sido sobrepostos. Hieróglifos e letras gregas giravam ao redor dela,  
se fundindo e explodindo ao

colidir. Annabeth sentiu com o se estivesse vendo o m undo em nível  
atôm ico. Tudo que era

invisível foi revelado, pintado com luz m ágica.

— Você... vê assim o tem po todo?

Sadie riu com escárnio.

— Pelos deuses do Egito, não! Eu ficaria maluca. Tenho que me concentrar para ver o Duat.

É isso que você está fazendo, espiando o lado mágico do mundo.

— Eu... — Annabeth hesitou.

Annabeth costumava ser uma pessoa confiante. Sempre que lidava com mortais comuns, tinha

uma arrogante certeza de que detinha conhecimentos secretos. Ela entendia o mundo de deuses e

monstros. Os mortais não faziam ideia. Mesmo com os outros sem deuses, Annabeth era quase

sempre a veterana mais experiente. Ela havia feito mais do que a maioria dos heróis sonhava, e

havia sobrevivido a tudo.

Agora, olhando para aquelas cortinas de cores em movimento, Annabeth sentiu como se

voltasse aos seis anos, aprendendo como o mundo era terrível e perigoso.

Ela se sentou com força na areia.

— Não sei o que pensar.

— Não pense — aconselhou Sadie. — Respire. Seus olhos vão se habituar. É meio como

nadar. Se você deixar o corpo assumir, vai saber o que fazer instintivamente. Se entrar em

pânico, vai se afogar.

Annabeth tentou relaxar.

Assim, com a capacidade de discernir padrões no ar: correntes fluindo entre camadas da realidade,

trilhas de vapor de mágica emanando de carros e prédios. O local do acidente de trem brilhava

em um tom verde. Sadie tinha uma aura dourada com plumas espalhadas se espalhando atrás de

si com as asas.

No local onde o monstro canino estava deitado antes de fugir, o chão fumegava com os carvões

quentes. Filetes carmesim fluíam dali, seguindo na direção em que o monstro fugiu.

Annabeth se concentrou no prédio abandonado ao longe, e seus batimentos cardíacos

dobraram. A torre emite de seu interior um tom vermelho, a luz escapava pelas janelas cobertas

de tábuas, irradiando pelas rachaduras nas paredes arruinadas. Nuvens pretas giravam acima, e

mais filetes de energia vermelha fluíam na direção do prédio vindos de toda a paisagem, com o

se atraídos para um vórtice.

A cena fez Annabeth se lembrar de Caríbdis, o monstro que suga água e gera redemoinhos

que ela encontrou no Mar de Monstros. Não era um a lem branca feliz.

— Aquele prédio — disse ela. — Está atraindo luz verm elha de todos os lados.

— Exatam ente — confirm ou Sadie. — Na m agia egípcia, verm elho é ruim . Representa o m al

e o caos.

— Então é para lá que o m onstro canino está indo — supôs Annabeth. — Para se fundir com a

outra peça do cetro...

— E para encontrar seu dono, eu arriscaria.

Annabeth sabia que devia se levantar. Elas tinham que correr. Mas, ao olhar para as cam adas

rodopiantes de m agia, teve m edo de se m exer.

A vida toda ela ouviu sobre a Névoa, o lim ite m ágico que separava o m undo m ortal do m undo

dos m onstros e deuses gregos. Mas nunca tinha pensado na Névoa com o um a cortina de verdade.

Com o Sadie tinha cham ado... o *Duat*?

Annabeth se perguntou se a Névoa e o Duat tinham relação entre si, ou se eram talvez até a

m esm a coisa. O núm ero de véus que ela conseguia ver era opressor, com o um a tapeçaria que ia

se dobrando cem vezes.

Ela não acreditava que pudesse ficar de pé. *Se entrar em pânico, vai se afogar.*

Sadie ofereceu a mão. Seus olhos estavam cheios de solidariedade.

— Olhe, eu sei que é muito, mas nada mudou. Você ainda é a mesma forte sem ideia que usa

os óculos com o armário. E, agora, ainda tem um belo adaga.

Annabeth sentiu o sangue subir ao rosto. Normalmente, seria ela a fazer o discurso animador.

— Sim. Sim, claro. — Ela aceitou a mão de Sadie. — Vamos encontrar esse deus.

\* \* \*

Um caminho cercado de arame e contornava o prédio, mas elas se espremeram por uma abertura e

seguiram por um caminho tomado de matos e pedaços de concreto.

O efeito da magia encantada nos olhos de Annabeth dava a impressão de estar passando. O

mundo não parecia mais tão cheio de armadilhas e caleidoscópico, mas não tinha problema. Ela

não precisava de visão especial para saber que a torre estava repleta de magia ruim.

De perto, o brilho vermelho das janelas estava ainda mais radiante. Os pedaços de

com pensamento estalavam. As paredes de tijolos emitiam ruídos. Hieróglifos de pássaros e bonecos

palito se formavam no ar e flutuavam para dentro. Até a pichação parecia vibrar nas paredes,

como se os símbolos estivessem tentando ganhar vida.

A força da coisa que havia dentro do prédio também atraía Annabeth, da mesma forma que o

Caranguejo no trem .

Ela segurou a nova adaga de bronze e percebeu que era pequena e curta demais para oferecer

potência ofensiva. Mas era por isso que Annabeth *gostava* de adagas: elas também tinham

concentração. Uma filha de Atena nunca devia depender de uma faca se pudesse usar o cérebro.

A inteligência venceria guerras, não a força bruta.

Infelizmente, o cérebro de Annabeth não estava funcionando muito bem no momento.

— Eu queria saber o que vamos enfrentar — murmurou ela enquanto as duas se

aproximavam sorrateiramente do prédio. — Gosto de pesquisar primeiro, de me preparar com

conhecimento.

Sadie respirou fundo.

— Você fala com o meu irmão. Diga aí, com que frequência os monstros dão a você o luxo de

usar o Google antes de atacarem ?

— Nunca — adm itiu Annabeth.

— Pois é. Carter... adoraria passar horas na biblioteca, lendo sobre todos os demônios hostis

que poderiam os enfrentar, marcando as partes importantes e fazendo fichamentos para eu

estudar. Pena que, quando os demônios atacam, eles não avisam, e raramente se dão o trabalho

de se identificar.

— E qual é o seu procedimento-padrão de operação?

— Partir para cima — disse Sadie. — Pensar rápido. Quando necessário, explodir o inimigo

em pedacinhos.

— Que ótimo. Você adoraria meus amigos.

— Vou interpretar com o um elogio. Aquela porta, o que acha?

Alguns degraus levavam à entrada de porão. Havia uma única tábua pregada na porta

em uma tentativa vã de impedir a entrada de invasores, mas a porta em si estava entreaberta.

Annabeth estava prestes a sugerir que avaliassem as redondezas. Não confiava em uma

entrada tão fácil, mas Sadie não esperou. A jovem imediatamente desceu os degraus e entrou.

A única opção de Annabeth era ir atrás.

\* \* \*

No fim das contas, se elas tivessem entrado por qualquer outra porta, teriam morrido.

O interior do prédio era um casco cavernoso, com trinta andares de altura e um a enxurrada de

tijolos, canos, tábuas e outros destroços, juntamente com símbolos gregos e hieróglifos cintilantes e

tufos de energia vermelha neon. A cena era apavorante e linda, com o se um furacão tivesse sido

capturado, iluminado por dentro e colocado em exibição permanente.

Com o elas haviam entrado pelo porão, Sadie e Annabeth estavam protegidas por um a escada

curta, um a espécie de trincheira no concreto. Se tivessem entrado para a tempestade pelo térreo,

teriam sido partidas em pedacinhos.

Enquanto Annabeth olhava, um a viga de aço retorcido voou em velocidade de carro de

corrida. Dezenas de tijolos passaram em disparada, com o um cardum e de peixes. Um hieróglifo

vermelho flamejante bateu em um pedaço voador de com pensado, e a madeira pegou fogo

com o um lenço de papel.

— Ali em cima — sussurrou Sadie.

Ela apontou para o alto do prédio, onde parte do trigésimo o andar ainda estava intacta, um a

plataforma em ruínas se projetando no vazio. Era difícil ver pelos detritos voadores e pela névoa

vermelha, mas Annabeth conseguiu identificar uma forma humana robusta de pé no

precipício, com os braços abertos como se para receber a tempestade.

— O que ele está fazendo? — murmurou Sadie.

Annabeth se encolheu quando uma hélice de canos de cobre passou a centímetros de sua

cabeça. Ficou olhando para os destroços e começou a reparar em padrões, como aconteceu com

o Duat: tábuas girando e pregos voando juntos para formar uma plataforma, amontoados de

tijolos se unindo com as peças de Lego para formar um arco.

— Ele está construindo alguma coisa — observou ela.

— Construindo o quê, um desastre? — perguntou Sadie. — Esse lugar lembra os domínios de

Caos. E, acredite, *não* é bem meu local favorito para passar as férias.

Annabeth olhou ao redor, perguntando-se se Caos significava alguma coisa para egípcios e

gregos. Annabeth teve lá suas experiências ruins com o Caos, e, se Sadie também esteve lá...

bem , a m aga devia ser m ais forte do que parecia.

— A tem pestade não é com pletam ente aleatória — disse Annabeth. — Está vendo ali? E ali?

Pedaços de m ateriais estão se j untando e form ando algum tipo de estrutura dentro do prédio.

Sadie franziu a testa.

— Para m im , parecem tij olos em um liquidificador.

Annabeth não sabia bem com o explicar, m as tinha estudado arquitetura e engenharia o

bastante para reconhecer os detalhes. Os canos de cobre estavam se ligando com o artérias e

veias em um sistem a circulatório. Seções de paredes velhas estavam se reunindo para form ar

um novo quebra-cabeça. De vez em quando, m ais tij olos ou vigas se soltavam das paredes

externas e se j untavam ao furacão.

— Ele está canibalizando o prédio — disse ela. — Não sei por quanto tem po as paredes

externas aguentarão.

Sadie soltou um palavrão baixinho.

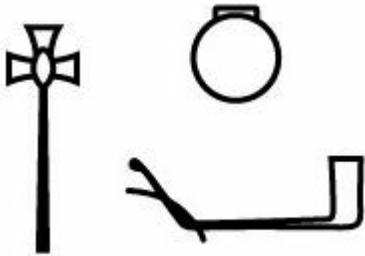
— Por favor, não vá dizer que ele está construindo um a pirâm ide. Qualquer coisa, m enos isso.

Annabeth se perguntou por que um a m aga egípcia odiaria pirâm ides, m as balançou a cabeça

negativam ente.

— Eu diria que é algum tipo de torre cônica. Só tem um jeito de ter certeza.

— Perguntar ao construtor.



Sadie olhou para os resquícios do trigésimo andar.

O homem na beirada não havia se mexido, mas Annabeth podia jurar que estava mais aior. Um a

luz vermelha girava ao redor dele. Pela silhueta, ele parecia usar uma cartola alta e angular no

estilo de Abraham Lincoln.

Sadie botou a mochila no ombro.

— Bom, se esse é nosso deus misterioso, onde está...

Bem naquele momento um uivo de três partes soou em meio ao tumulto. Do outro lado do

prédio, um par de portas de metal se abriu e o monstro caranguejeiro entrou.

Infelizmente, a fera tinha agora as três cabeças: de lobo, de leão e de cachorro. A espiral

com prida brilhava com inscrições gregas e hieróglifos. Ignorando com pletam ente os detritos

voadores, o monstro entrou pisando com as seis patas dianteiras e deu um salto. A tem pestade o

carregou para cima, girando em meio ao caos.

— Está indo para o dono — disse Annabeth. — Tem os que im pedir.

— Que legal — resmungou Sadie. — Isso vai me esgotar.

— O quê?

Sadie ergueu o cado.

— *N'dah.*

Um hieróglifo dourado surgiu no ar acima delas:

E de repente elas estavam cercadas por uma esfera de luz.

A coluna de Annabeth formigou. Ela já estivera dentro de uma bolha protetora assim antes,

quando ela, Percy e Grover usaram pérolas mágicas para fugir do mundo inferior. A

experiência tinha sido... claustrofóbica.

— Isso vai nos proteger da tem pestade? — perguntou Annabeth.

— Espero que sim. — O rosto de Sadie estava coberto de suor. — Venha.

Ela foi na frente, subindo pela escada.

Imediatamente, o escudo foi posto à prova. Um a bancada de cozinha voadora as teria

decapitado, mas se esmagalhou em contato com o campo de força de Sadie. Pedacos de

metárm os giraram inofensivos ao redor delas.

— Dema is — disse Sadie. — Agora segure o cajado enquanto viro um pássaro.

— Espere. *O quê?*

Sadie revirou os olhos.

— Estam os pensando rápido, lembra? Vou voar até lá em cima e im pedir o monstro do

cajado. Você tenta distrair aquele deus... seja lá quem ele for. Atraia a atenção dele.

— Tudo bem, mas não sou maga. Não sei m anter o feitiço.

— O campo de força vai perm anecer durante alguns minutos, desde que você use o cajado.

— Mas e você? Se não estiver dentro do campo...

— Tenho uma ideia. Pode até funcionar.

Sadie tirou algo da mochila: uma pequena estátua de animal. Ela o envolveu com os dedos e

com eçou a mudar de forma.

Annabeth já tinha visto gente virar bicho, mas nunca era fácil de assistir. Sadie encolheu para

um décimo do tamanho. O nariz se alongou em um bico. Os cabelos, as roupas e a mochila

viraram uma cobertura lisa de penas. Ela se tornou uma pequena ave de rapina — um milhafre,

talvez —, e seus olhos azuis estavam dourados e brilhantes. Com a pequena estátua ainda nas

garras, Sadie abriu as asas e se lançou na tempestade.

Annabeth fez uma careta quando um amontoado de tijolos voou na direção da amiga; mas, de

alguma forma, os detritos passaram direto sem transformar Sadie em pura pena. A forma de

Sadie apenas oscilou, como se ela estivesse viajando debaixo da água.

Annabeth percebeu que Sadie estava no Duat, voando em um nível diferente de realidade.

A ideia fez a mente de Annabeth se encher de possibilidades. Se um sem ideus pudesse

aprender a atravessar paredes, correr direto através de monstros...

Mas aquela era uma conversa para outra hora. No momento, precisava se mover. Ela

disparou pelos degraus e entrou naquela confusão. Barras de metal e canos de cobre bateram

contra o campo de força. A esfera dourada piscava com um pouco menos de brilho cada vez que

rebatia os detritos.

Ela levantou o cajado de Sadie com uma das mãos e a nova adaga com a outra. Na torrente

mágica, a lâmina de bronze celestial tremeluziu com o um a tocha se apagando.

— Ei! — gritou ela para a plataforma bem acima. — Seu Deus aí!

Nenhuma resposta. A voz dela não devia conseguir sobressair à tempestade.

A estrutura do prédio com o eco da gemer. A argamassa escorria das paredes e entrava na

mistura com o tufo de algodão-doce.

A Sadie pássaro ainda estava viva, voando na direção do monstro de três cabeças, que seguia

em espiral para cima. O animal já estava na metade do caminho, balançando com força as

pernas e brilhando com mais intensidade, como se absorvendo o poder do furacão.

O tempo de Annabeth estava acabando.

Ela procurou na memória, vasculhando mitos antigos, as histórias mais obscuras que Quíron

contara no acampamento. Quando era mais nova, ela era com o um a esponja que absorvia todos

os fatos e nomes.

O cajado de três cabeças. O deus de Alexandria, Egito.

O nome do deus lhe veio. Esperava estar certa pelo menos.

Um a das prim eiras lições que ela aprendera com o sem ideusa foi:  
*Nomes têm poder.* Nunca se

diz o nome de um deus ou de um monstro se não está preparado para atrair a atenção dele.

Annabeth respirou fundo. Gritou com toda a sua força:

— SERÁPIS!

A tempestade diminuiu. Enormes pedaços de canos pairaram no ar. Nuvens de tijolos e

madeiras ficaram imóveis, suspensas.

Parado no meio do furacão, o monstro de três cabeças tentou ficar de pé. Sadie voou acima,

abriu as garras e largou a estátua, que imediatamente cresceu e virou um camelo de tamanho

real.

O animal desganhado caiu nas costas do monstro. As duas criaturas tombaram pelo ar e

bateram no chão em um emaranhado de membros e cabeças. O monstro do cajado continuou a

lutar, mas o camelo ficou em cima com as pernas abertas, balando e cuspidando e basicamente

recusando-se a se mexer, com o um bebê de quinhentos quilos dando ataque de birra.

Do trigésimo andar, uma voz de homem trovejou:

— QUEM OUSA INTERROMPER MINHA ASCENSÃO TRIUNFAL?

— Eu! — gritou Annabeth. — Desça para mim e enfrentar!

Ela não gostava de levar o crédito pelos feitos alheios, mas queria manter a atenção

exclusiva do deus para que Sadie pudesse fazer... o que decidisse fazer. A jovem também agia com

certeza tinha bons truques guardados na manga.

O deus Serápis pulou para o vazio. Caiu trinta andares e parou de pé no meio do térreo, a uma

distância fácil para Annabeth lançar a adaga.

Não que ela estivesse tentada a atacar.

Serápis tinha quatro metros e meio. Vestia apenas um short curto com estampa floral

havaiana. O corpo era recortado em músculos. A pele bronzeada era coberta de tatuagens cintilantes

de hieróglifos, letras gregas e outras grafias que Annabeth não reconheceu.

Os cabelos com pridos, e de um ondulado desgrenhado, emolduravam o rosto com o dreadlocks

rastafáris. Uma barba grega encaracolada descia até as orelhas. Os olhos eram verde-azul,

tão parecidos com os de Percy que Annabeth ficou arrepiada.

Normalmente, ela não gostava de sujeitos barbudos, mas tinha que admitir que aquele deus

era atraente, com aquele estilo de surfista radical mais velho.

Mas o enfeite de cabeça estragava o visual. O que Annabeth pensou ser um a cartola era na

verdade um a cesta cilíndrica de vim e com im agens de am ores-perfeitos.

— Com licença — disse ela. — Isso aí na sua cabeça é um vaso de flores?

Serápis levantou as sobrancelhas castanhas e peludas. Bateu na cabeça com o se tivesse

esquecido a cesta. Algum as sem entes de trigo caíram .

— Isso é um *modius*, garotinha tola. É um dos m eus sím bolos sagrados! O cesto de grãos

representa o m undo inferior, que eu controlo.

— Hã, controla?

— É claro! — Serápis fez expressão de irritação. — Ou *controlava*, e vou voltar a controlar

em breve. Mas quem é você para criticar m eu m odo de vestir? Um a sem ideusa grega, pelo

cheiro, carregando um a arm a de bronze celestial e um caj ado egípcio da Casa da Vida. O que

você é, heroína ou m aga?

As m ãos de Annabeth trem eram . Independentem ente do chapéu de vaso de flor, Serápis

irradiava poder. Ao ficar tão perto dele, Annabeth se sentia líquida por dentro, com o se o

coração, o estômago e a coragem estivessem derretendo.

*Controle-se, pensou ela. Você já encontrou vários deuses.*

Mas Serápis era diferente. A presença dele emanava uma sensação fundamentalmente

*errada*, com o sentimento de estar presente estivesse virando o mundo de Annabeth do avesso.

Atrás, a seis metros do deus, Sadie pássaro pousou e voltou à forma humana. Fez um gesto

para Annabeth: dedos nos lábios (*psiu*), depois fez círculos com a mão (*faça com que ele continue*

*falando*). Ela começou a permanecer silenciosamente na mochila.

Annabeth não fazia ideia do que a amiga estava planejando, mas se obrigou a olhar nos olhos

de Serápis.

— Quem disse que não sou as duas coisas, amiga e semideusa? Agora explique por que você

está aqui!

O rosto de Serápis se fechou. E então, para surpresa de Annabeth, ele jogou a cabeça para trás

e riu, derramando mais grãos do *modius*.

— Entendi! Está tentando me impressionar, é? Você acha que mereço ser minha sacerdotisa?

Annabeth engoliu em seco. Só havia uma resposta para uma pergunta daquelas.

— É claro que sim ! Já fui *magna mater* do culto de Atena! Mas você é m erecedor do m eu

serviço?

— RÁ! — Serápis sorriu. — Um a grande m ãe no culto de Atena, é? Vam os ver se você é

m esm o durona.

Ele fez um gesto. Um a banheira voou direto para o cam po de força de Annabeth. A porcelana

explodiu em estilhaços no encontro com a esfera dourada, m as o caj ado de Sadie ficou tão

quente que Annabeth precisou soltá-lo. A m adeira branca queim ou até virar cinzas.

*Que ótimo, pensou ela. Nem dois minutos, e eu já destruí o cajado de Sadie.*

Ela não tinha m ais seu escudo protetor. Estava encarando um deus de quatro m etros e m eio só

com as arm as de sem pre: um a pequena adaga e m uita atitude.

À esquerda de Annabeth, o m onstro de três cabeças ainda lutava para sair de debaixo do

cam elo, m as o anim al era pesado, teim oso e incrívelm ente descoordenado. Cada vez que o

m onstro tentava em purrá-lo, o cam elo soltava um pum poderoso e abria ainda m ais as pernas.

Enquanto isso, Sadie tirou um giz da m ochila. Escreveu furiosam ente no chão de concreto

atrás de Serápis, talvez um belo epitáfio para celebrar a morte iminente delas.

Annabeth se lembrou de uma citação que seu amigo Frank uma vez lhe disse, alguma coisa de

*A arte da guerra*, de Sun Tzu.

Quando enfraquecer, aja com força.

Annabeth se empenhou e riu na cara de Serápis.

— Pode jogar coisas em mim, senhor Serápis. Não preciso de ajuda para me defender.

Meus poderes são grandiosos demais! Ou pare de me fazer perder tempo e me diga com o que posso

servir você, *supondo* que eu concorde em me tornar sua nova sacerdotisa.

O rosto do deus se tornou de raiva.

Annabeth teve certeza de que ele jogaria todo o furacão de detritos nela, e não haveria como

impedi-lo. Ela pensou em jogar a adaga no olho do deus, da mesma forma que sua amiga Rachel

uma vez distraiu o Titã Cronos, mas Annabeth não confiava na própria ira.

Finalmente, Serápis abriu um sorriso torto.

— Você tem coragem, garota. Isso eu preciso admitir. E não demorei a vir me encontrar.

Talvez você *possa* servir. Você vai ser a primeira de muitos a me dar seu poder, sua vida, sua

alma!

— Acho que vai ser divertido.

Annabeth olhou rapidamente para Sadie, torcendo para ela terminar logo a arte com giz.

— Mas, primeiro — disse Serápis —, preciso do meu cajado!

Ele fez um gesto para o camelo. Um hieróglifo vermelho queimou o pelo da criatura, e, com

um pum final, o pobre animal se dissolveu em um monte de areia.

O monstro de três cabeças se apoiou nas patas dianteiras e sacudiu a areia do corpo.

— Espere! — gritou Annabeth.

As três cabeças do monstro rosaram para ela.

Serápis fez expressão de desprezo.

— O que foi agora, garota?

— Bem, eu devia... sabe, entregar o cajado para você, com o seu sacerdotisa! Tem os que

fazer as coisas direito!

Annabeth partiu para cima do monstro. Era pesado demais para ela levantar, mas ela enfiou a

faca no cinto e usou as duas mãos para segurar a ponta da concha cônica da criatura, arrastando-

a para trás, para longe do deus.

Enquanto isso, Sadie desenhou um grande círculo do tamanho de um balaço no concreto.

Estava agora decorando com hieróglifos, usando giz de várias cores diferentes.

*Ah, claro, pensou Annabeth com frustração. Demore o tempo que precisar e capriche!*

Ela deu um jeito de sorrir para Serápis enquanto segurava o monstro do cajado, que ainda

tentava se arrastar para a frente.

— Agora, meu senhor — disse Annabeth —, me conte seu plano glorioso! Tem alguma coisa

a ver com almas e vidas, não?

O monstro do cajado uivou em protesto, provavelmente porque conseguia ver Sadie escondida

atrás do deus, fazendo a arte secreta no concreto. Serápis não pareceu perceber.

— Observe! — Ele abriu os braços musculosos. — O novo centro do meu poder!

Fagulhas vermelhas brilharam no furacão congelado. Uma teia de luz ligou os pontos até

Annabeth conseguir ver o contorno cintilante da estrutura que Serápis estava construindo: um a

torre enorme de noventa metros de altura, feita em três camadas que iam se estreitando: um a

base quadrada, um meio octogonal e um topo circular. No zênite,  
ardia uma chama tão intensa

quanto uma forja de Ciclope.

— Um farol — concluiu Annabeth. — O Farol de Alexandria.

— Exato, minha jovem sacerdotisa.

Serápis andou para frente e para trás com o um professor dando  
aula, em bora o short floral

fosse uma distração e tanto. O chapéu de cesta de vim e ficava se  
inclinando para um lado e para

outro, derramando grãos. Por alguma razão, continuou sem reparar  
em Sadie agachada atrás

dele, desenhando belas imagens com giz.

— Alexandria! — disse o deus. — Outrora a maior cidade do  
mundo, a grande fusão do poder

grego e egípcio! Eu era o deus supremo e agora me ergui de novo.  
Criarei minha nova capital

aqui!

— Hã... na praia Rockaway ?

Serápis parou e coçou a barba.

— Você tem razão. Esse nome não serve. Vamos chamar de...  
Rockandria? Serapaway ?

Bom, vamos decidir isso depois! Nosso primeiro passo é terminar  
meu novo farol. Vai ser um

guia para o mundo, que vai atrair divindades da Grécia Antiga e do Egito para mim, com o

aconteceu no passado. Vou me alimentar da essência delas e me tornar o deus mais poderoso de

todos!

Annabeth sentiu como se tivesse engolido uma colher de sal.

— *Alimentar da essência delas. Você quer dizer destruí-las?*

Serápis fez um gesto de desconsideração.

— *Destruir é uma palavra muito feia. Prefiro incorporar. Você deve conhecer minha história,*

certo? Quando Alexandre, o Grande, conquistou o Egito...

— Ele tentou fundir as religiões grega e egípcia — disse Annabeth.

— Tentou e falhou — disse Serápis, rindo para si. — Alexandre escolheu um deus do sol

egípcio, Amôn, como divindade principal. Isso não deu muito certo. Os gregos não gostavam de

Amôn. Nem os egípcios do Delta do Nilo. Eles viam Amôn como um deus de outra parte do rio.

Mas, quando Alexandre morreu, seu general tomou o controle do Egito.

— Ptolomeu I — disse Annabeth.

Serápis deu um sorriso satisfeito.

— Sim ... Ptolomeu. Aquele era um mortal com *visão!*

Annabeth precisou de toda a força de vontade para não olhar para Sadie, que agora tinha

completado o círculo mágico e batia nos hieróglifos com o dedo, murmurando alguma coisa

baixinho, com o seu corpo para ativá-los.

O monstro de três cabeças do jardim rosnou em reprovação. Ele tentou pular, e Annabeth

quase não conseguiu segurá-lo. Estava ficando sem força. A aura da criatura continuava

nauseante.

— Ptolomeu criou um novo deus — disse ela com esforço. — Você.

Serápis, deus de ombros.

— Ah, não foi do nada. Eu já fui um pequeno deus de vilarejo. Ninguém tinha ouvido falar de

minha mãe! Mas Ptolomeu encontrou minha estátua e levou para Alexandria. Ele mandou os

sacerdotes gregos e egípcios fazerem presságios, encantos e outras coisas mágicas. Todos

concordaram que eu era o grande deus Serápis e que deveria ser idolatrado acima de todos os

outros deuses. Virei um sucesso instantâneo!

Sadie ficou de pé dentro do círculo mágico. Soltou o colar de prata e começou a girar com o

meio da corda de laçar.

O monstro de três cabeças rugiu com o que para avisar o dono:  
*Cuidado!*

Mas Serápis estava animado. Enquanto ele falava, as tatuagens de hieróglifos e letras gregas

em sua pele brilhavam com mais intensidade.

— Eu me tornei o deus mais importante dos gregos e egípcios! —  
continuou ele. — À medida

que mais pessoas me idolatravam, passei a sugar o poder dos  
deuses mais velhos. Aos poucos,

mas com segurança, tomei o lugar deles. O mundo inferior? Eu me  
tornei o senhor de lá,

substituindo Hades e Osíris. O cão de guarda, Cérbero, se transform  
ou no meu cão, que você

agora está segurando. As três cabeças representam o passado, o  
presente e o futuro, os quais

controlarei quando o cão voltar ao meu poder.

O deus esticou a mão. O monstro tentou alcançá-lo. Os músculos  
do braço de Annabeth

estavam queimando. Os dedos começaram a ceder.

Sadie continuava balançando o pingente e murmurando um feitiço.

*Hécate sagrada, pensou Annabeth, é preciso quanto tempo para se  
fazer um feitiço idiota?*

Seus olhos encontraram os de Sadie, e ela entendeu o recado:  
*Espere. Só mais alguns segundos.*

Annabeth não sabia se tinha mais alguns segundos.

— A dinastia ptolomáica... — Ela trincou os dentes. — Ela caiu séculos atrás. Seu culto foi

esquecido. Por que você voltou agora?

Serápis fungou.

— Isso não é importante. Aquele que me despertou... bem, ele tem delírios de grandeza. Acha

que pode me controlar só porque encontrou uns feitiços antigos no Livro de Thoth.

Atrás do Deus, Sadie se encolheu com o que se tivesse sido atingida entre os olhos. Aparentemente,

esse “Livro de Thoth” trazia alguma coisa branca.

— Sabe — prosseguiu Serápis —, naquela época, o rei Ptolomeu decidiu que não bastava *me*

fazer o Deus principal. Também queria ser imortal. Ele se declarou Deus, mas a *me* agia Deus

errado. Depois que ele morreu, sua família foi amaldiçoada por muitas gerações. A linhagem

ptolomáica foi ficando cada vez mais fraca, até que aquela tola da Cleópatra se suicidou e deu

tudo para os romanos.

O Deus fez expressão de desprezo.

— Esses mortais... são sempre tão gananciosos. O que me despertou acha que *dessa* vez me despertou acha que

pode fazer o melhor do que Ptolomeu. Ele me despertou foi só um de seus experimentos com

magia greco-egípcia. Ele quer se tornar deus, mas se excedeu. Eu voltei. *Eu* vou controlar o

universo.

Serápis dirigiu os olhos verdes e brilhantes para Annabeth. Suas feições pareceram me udir

fazendo Annabeth se lembrar de muitos olímpicos: Zeus, Poseidon, Hades. Alguma coisa no

sorriso dele até a fez recordar-se de sua mãe, Atena.

— Pense só, pequena semideusa — disse Serápis —, esse farol vai atrair os deuses até mim

com minhas asas para uma vela. Quando eu tiver consumido o poder deles, vou erguer uma

grande cidade. Construirei uma nova biblioteca de Alexandria com todo o conhecimento do

mundo antigo, tanto grego quanto egípcio. Como filha de Atena, você deve apreciar isso. Como

minha sacerdotisa, pense em todo o poder que você vai ter!

*Uma nova biblioteca de Alexandria.*

Annabeth não podia fingir que a ideia não me exia com ela. Tanto conhecimento do mundo

antigo foi destruído quando aquela biblioteca pegou fogo.

Serápis deve ter visto a fome nos olhos dela.

— Sim . — Ele esticou a mão. — Chega de conversa, garota. Traga  
m eu caj ado!

— Você está certo — resmungou Annabeth. — Chega de conversa.

Ela puxou a adaga e enfiou na concha do monstro.

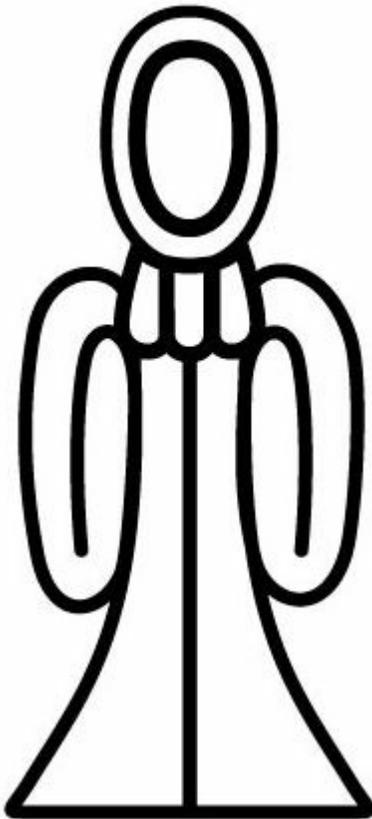
\* \* \*

Muitas coisas podiam ter dado errado. A maioria deu mesmo.

Annabeth esperava que a faca fosse partir a concha, talvez até  
destruir o monstro. Mas ela só

abriu uma pequena fissura que cuspiu uma magia vermelha tão  
quente quanto um filete de

magia. Annabeth cambaleou para trás, com os olhos ardendo.



Serápis gritou:

— TRAIÇÃO!

A criatura do cajado uivou e se debateu, com as três cabeças tentando em vão alcançar a faca

enfiada nas costas.

No momento, Sadie lançou o feitiço. Ela lançou o colar de prata e gritou:

— *Tyet!*

O pingente explodiu. Um hieróglifo prateado gigante envolveu o deus com o um caixão

transparente:

Serápis rugiu quando seus braços ficaram presos nas laterais do corpo.

Sadie gritou:

— Eu o nomeio Serápis, deus de Alexandria! Deus de... hum, chapéus esquisitos e cajados de

três cabeças! Eu o amarro com o poder de Ísis!

Detritos começaram a cair do ar e se esparramaram ao redor de Annabeth. Ela desviou de um

grupo de tijolos e de uma caixa de luz. Em seguida, percebeu que o monstro do cajado ferido

rastejava na direção de Serápis.

Ela correu em sua direção, mas foi atingida na cabeça por um pedaço de madeira. Bateu no

chão com força, a cabeça latejando, e foi enterrada na mesma hora por mais detritos.

Ela respirou com dificuldade.

— Ai, ai, ai.

Pelo menos, não estava enterrada sob tijolos. Ela abriu caminho em uma pilha de

com pedras e tirou uma farda de quinze centímetros da mesma.

O monstro tinha chegado aos pés de Serápis. Annabeth sabia que deveria ter esfaqueado uma

das cabeças do monstro, mas não havia conseguido fazer isso. Sem perceber, ela sabia quando se

tratava de animais, mesmo o que fossem parte de uma criatura mágica do mal tentando matá-la.

Naquele momento, era tarde demais.

O deus forçou os músculos. A prisão prateada se despedaçou a seu redor. O grito de

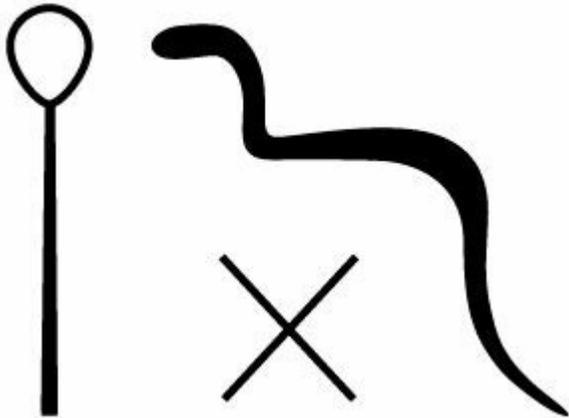
três cabeças voou para sua mãe, e Serápis se virou para Sadie Kane.

O círculo protetor dela evaporou em uma nuvem de vapor vermelho.

— Você queria me *amarrar*? — gritou Serápis. — Você queria me *nomear*? Você nem tem a

linguagem apropriada para me nomear, pequena magra!

Annabeth cambaleou para a frente, mas sua respiração continuava difícil. Com Serápis de



posse do cajado, a aura dele parecia dez vezes mais poderosa. Os ouvidos de Annabeth zumbiam.

Os tornozelos estavam molados com o um a gelatina. Ela conseguia sentir sua força vital sendo

sugada... sugada para o halo vermelho do deus.

De alguma forma, Sadie mantinha sua posição com expressão desafiadora.

— Tudo bem, senhor Tigela de Cereal. Você quer uma linguagem apropriada? *HA-DI!*

Um novo hieróglifo ardeu no rosto de Serápis:

Mas o deus o apagou do ar com a mão livre. Ele fechou o punho, e fumaça saiu por entre os

dedos, como se ele tivesse acabado de esmagar uma locomotiva a vapor em miniatura.

Sadie engoliu em seco.

— Isso é impossível. Com o...?

— Estava esperando uma explosão? — Serápis riu. — Me desculpe por decepcioná-la,

criança, mas meu poder é grego e egípcio. Com ambos os dois, consumo e os dois, *substitui* os dois.

Vej o que é beneficiada por Ísis, certo? Excelente. Ela já foi minha mulher.

— *O quê?* — gritou Sadie. — Não. Não, não, não.

— Ah, sim! Quando depois Osíris e Zeus, Ísis foi obrigada a me servir. Agora, vou usar você

com o portal para atraí-la e a arrá-la. Ísis vai ser minha rainha de novo!

Serápis apontou o cajado. De cada uma das três cabeças monstruosas, filetes vermelhos de luz

dispararam, envolvendo Sadie em galhos espinhentos.

Sadie gritou, e Annabeth finalmente se recuperou do choque.

Ela pegou a folha de pensamento mais próxima — um quadrado inaleável do tamanho de um

escudo — e tentou se lembrar das aulas de *frisbee* do Acampamento Meio-Sangue.

— Ei, Cabeça de Grão! — gritou Annabeth.

Ela girou a cintura e usou a força do corpo todo. O pensamento voou pelo ar na hora em que

Serápis se virou para ela, e a beirada bateu bem entre os olhos dele.

— AHH!

Annabeth mergulhou para o lado quando Serápis apontou cegamente o cajado na direção dela.

As três cabeças de monstro lançaram chamadas superaquecidas de vapor, que abriram um buraco

no concreto onde Annabeth estava havia pouco.

Ela continuou a se mover e abriu caminho entre as montanhas de detritos que agora cobriam o

chão. Mergulhou atrás de uma pilha de vasos sanitários quebrados quando o cajado do deus

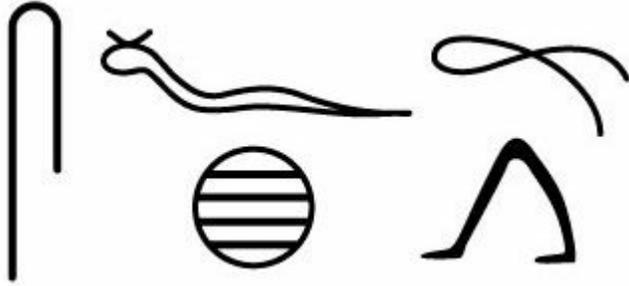
lançou outro jato triplo de vapor na direção dela, chegando tão perto que ela sentiu bolhas

surgirem na nuca.

Annabeth viu Sadie a uns trinta metros, de pé e camaleando para longe de Serápis. Pelo

menos, ainda estava viva. Mas Annabeth sabia que precisaria de tempo para se recuperar.

— Ei, Serápis! — gritou Annabeth por trás da montanha de privadas. — Qual era o gosto



daquele com pensado?

— Filha de Atena! — gritou o deus. — Vou devorar sua força vital!  
Vou usar você para

destruir sua maldita mãe! Você se acha inteligente? Você não é  
nada em comparação com

aquele que me despertou, e nem *ele* entende o poder que libertou.  
Nenhum de vocês vai ganhar a

coroa da imortalidade. Eu controlo o passado, o presente e o futuro.  
Sozinho, governarei os

deuses!

*E obrigada pelo longo discurso, pensou Annabeth.*

Quando Serápis explodiu o local onde ela estava, transformando os  
vasos sanitários em um a

pilha de porcelana quebrada, Annabeth já tinha se esgueirado pela  
metade da sala.

Estava procurando Sadie quando a mágica apareceu em seu  
esconderijo, a apenas três metros

de distância, e gritou:

— *Suh-FAH!*

Annabeth se virou quando um novo hieróglifo, de seis metros de altura, ardeu na parede atrás

de Serápis:

A argamassa se desfez. Um ruído veio da lateral do prédio, e, quando Serápis gritou "NÃO!",

a parede inteira desabou em cima dele em uma onda de tijolos que o enterrou sob toneladas de

escorbos.

Annabeth engasgou com a nuvem de poeira. Seus olhos ardiam. Ela sentia como se tivesse

sido cozida em uma panela de arroz, mas conseguiu campear para perto de Sadie.

A jovem agora estava coberta de pó de cal como se tivesse sido passada no açúcar. Olhava

para o buraco que havia feito na lateral do prédio.

— Isso funcionou — murmurou ela.

— Foi genial. — Annabeth apertou os ombros dela. — Que feitiço foi aquele?

— *Afrouxar* — disse Sadie. — Eu achei... bem, destruir costumava ser mais fácil do que

construir.

Com o se concordando, o resto da estrutura do prédio estalou e gemeu.

— Venha. — Annabeth pegou a mão de Sadie. — Precisam os sair daqui. Essas paredes...

A fundação trem eu. De debaixo dos destroços veio um rugido abafado. Filetes de luz verm elha

brilhavam por entre os detritos.

— Ah, por favor! — protestou Sadie. — Ele ainda está *vivo*?

Um desânimo o recai sobre Annabeth, m as ela não estava surpresa.

— Ele é um deus. É im ortal.

— Ah, então com o...?

A mão de Serápis, ainda segurando o caj ado, surgiu por entre os tij olos e tábuas. As três

cabeças do monstro dispararam j atos de vapor em todas as direções. A faca de Annabeth ainda

estava enfiada até o cabo na concha do monstro, e a cicatriz ao redor soltava hieróglifos, letras

gregas e palavrões em verm elho — milhares de anos de palavras chulas se espalhando

livrem ente.

*Como uma linha do tempo*, pensou Annabeth.

De repente, surgiu-lhe um a ideia.

— Passado, presente e futuro. Ele controla tudo.

— O quê? — perguntou Sadie.

— O cajado é a chave — disse Annabeth. — Tem os que destruí-lo.

— Sim, mas...

Annabeth correu para a pilha de destroços. Seus olhos estavam grudados no cabo da adaga,

mas ela chegou tarde demais.

Serápis soltou o outro braço, depois a cabeça, com o cesto de flores esmagado e vazando

grãos. O *frisbee* de com pensamento que Annabeth tinha jogado quebrara o nariz dele e deixara os

olhos roxos, fazendo-o parecer um guaxinim.

— Vou matar você! — gritou ele, no momento em que Sadie repetiu:

— *Suh-FAH!*

Annabeth fez um recuo apressado, e Serápis gritou "NÃO!" quando outra seção da parede de

trinta andares caiu em cima dele.

A magia deve ter exaurido Sadie. Ela caiu com o um a boneca de pano, e Annabeth a pegou

bem a tempo de não deixar a cabeça bater no chão. Quando as seções que restavam da parede

trem eram e se inclinaram para dentro, Annabeth pegou a garota, que era mais nova que ela, no

colo e a levou para fora.

De alguma forma, ela saiu do prédio antes do restante desabar.  
Annabeth ouviu o rugido

gigantesco, mas não sabia se era a destruição atrás de si ou o som  
de seu crânio se partindo com

a dor e a exaustão.

Ela continuou cambaleando até chegar aos trilhos do metrô. Lá,  
colocou Sadie delicadamente

sobre o metrô.

Os olhos de Sadie se reviraram. Ela murmurava coisas incoerentes.  
A pele estava tão febril

que Annabeth precisou lutar contra o pânico. Vapor saía das  
narinas dela.

Perto do local do acidente do trem, os motoristas repararam no novo  
desastre. Veículos de

socorro começaram a se afastar e seguir na direção do prédio desmoronado.  
Um helicóptero da

defesa voava em círculos.

Annabeth ficou tentada a gritar pedindo ajuda médica, mas, antes  
que pudesse fazê-lo, Sadie

inspirou com força. Suas pálpebras tremiam.

Ela cuspiu um pedaço de concreto, se sentou com fraqueza e olhou  
para a coluna de poeira

que subia para o céu com o resultado da pequena aventura delas.

— Certo — murmurou Sadie. — O que devem os destruir agora?

Annabeth chorou de alívio.

— Graças aos deuses você está bem . Você estava soltando fum aça.

— Ossos do ofício. — Sadie tirou um pouco da poeira do rosto. —  
Magia dem ais pode

literalmente me queimar. Foi o mais perto que cheguei da imolação hoje.

Annabeth concordou. Tinha sentido inveja de todos aqueles feitiços legais que Sadie sabia

fazer, mas naquele momento estava feliz de ser apenas uma semideusa.

— Chega de magia para você.

— Ao menos por um tempo. — Sadie fez uma careta. — Imagino que não tenham os

derrotado Serápis.

Annabeth olhou para o local do pretendido farol. Queria achar que o deus não existia mais,

porém sabia que não era possível. Ainda conseguia sentir a aura dele rompendo o mundo,

puxando a alma dela e sugando sua energia.

— Tem os no máximo alguns minutos — supôs ela. — Ele vai se libertar. E virá atrás de nós.

Sadie gemeu.

— Precisamos de reforços. Infelizmente, não tenho energia suficiente para abrir um portal,

mas se eu conseguisse encontrar um . Ísis também não está me respondendo. Ela sabe que não

deve aparecer e ter a essência sugada pelo senhor Tigela de Cereal.  
— Ela suspirou. — Imagino

que você não tenha o contato de outros sem ideus com o chamado de emergência no celular,

tem ?

— Se ao menos... — Annabeth parou de falar.

Ela percebeu que a mochila ainda estava nos ombros. Com o não havia caído durante a luta? E

por que estava tão leve?

Ela puxou a mochila e abriu. Os livros de arquitetura tinham sumido. O que havia no fundo era

um quadrado de amêndoa do tamanho de um brownie enrolado em celofane, e por baixo...

O lábio inferior de Annabeth tremeu. Ela tirou uma coisa que não carregava havia muito

tempo: o boné azul surrado do New York Yankees.

Ela olhou para o céu que escurecia.

— Mãe?

Não houve resposta, mas Annabeth não conseguia pensar em nenhuma outra explicação. A

mãe tinha enviado ajuda. Com preceito isso a encorajou e apavorou. Se Atena estava interessada

particularmente na situação, Serápis era um a am eação m onum ental de verdade... não só para

Annabeth, mas para os deuses.

— É um boné de beisebol — observou Sadie. — Isso é bom ?

— Eu... acho que sim — disse Annabeth. — Na última vez que usei a magia não funcionou.

Mas, se *funcionar*... eu talvez tenha um plano. Vai ser sua vez de distrair Serápis.

Sadie franziu a testa.

— Não mencionei que estou sem magia?

— Não tem problema — disse Annabeth. — Com o você é em blefar, mentir e falar besteira?

Sadie ergueu uma sobrancelha.

— Já disseram que são minhas qualidades mais atraentes.

— Excelente — disse Annabeth. — Então está na hora de eu ensinar grego para você.

\* \* \*

Elas não tinham muito tempo.

Annabeth mal tinha terminado de preparar Sadie quando o prédio desmoronado tremeu,

debritos explodiram e Serápis surgiu, rugindo e amaldiçoando.

Quem estava trabalhando no acidente saiu, assustado, correndo do local, mas não pareceu

perceber o deus de quatro metros e meio se afastando do desmoronamento, com o cuidado de três

cabeças cuspidas vapor e raios vermelhos de magia para o céu.

Serápis se dirigia com convicção para perto de Sadie e Annabeth.

— Pronta? — perguntou Annabeth.

Sadie suspirou.

— Tenho escolha?

— Aqui. — Annabeth deu a ela o quadrado de ambrósia. — Comida de semideus. Deve

restaurar sua força.

— *Deve*, não é?

— Se eu posso usar sua poção curativa, você deve poder comer ambrósia.

— Tim-tim, então. — Sadie deu um mordida. Suas bochechas ganharam cor de novo. Os

olhos cintilaram. — Tem gosto dos pãezinhos da minha avó.

Annabeth sorriu.

— Ambrósia sem pretemo tem o gosto da sua comida favorita.

— Um a pena. — Sadie deu outra mordida e engoliu. — Os pãezinhos da vovó estão sem pre

queimados e bem ruins. Ah, lá vem nosso amigo.

Serápis chutou um carro de bom beiro que estava no caminho e seguiu na direção dos trilhos do

trem . Não parecia ter visto Sadie e Annabeth ainda, mas a semideusa achava que ele conseguia

*sentir* onde elas estavam . O deus observou o horizonte cheio de fúria assassina no rosto.

— Aqui vão os nós.

Annabeth colocou o boné do Yankees.

Os olhos de Sadie se arregalaram .

— Muito bem . Você está bem invisível. Não vai com medo de disparar fagulhas, vai?

— Por que eu faria isso?

— Ah... mas eu irmão fez um feitiço de invisibilidade um a vez. Não funcionou muito bem . De

qualquer modo, boa sorte.

— Para você também .

Annabeth correu para um lado enquanto Sadie começou a balançar os braços e gritar:

— Ei, Serápis!

— PARA VOCÊ, A MORTE! — berrou o deus.

Ele seguiu em frente, com os pés enormes abrindo crateras no asfalto.

Com o elas planejaram, Sadie recuou na direção da praia. Annabeth se agachou atrás de um

carro abandonado e esperou que Serápis passasse. Invisível ou não, ela não iria se arriscar.

— Venha! — disse Sadie, provocando o deus. — Isso é o mais rápido que você consegue

correr, seu caipira gigantesco?

— RAAAW!

O deus disparou para onde Annabeth estava.

Ela correu atrás de Serápis, que alcançou Sadie perto do mar.

O deus ergueu o cajado cintilante, com as três cabeças monstruosas arrotando vapor.

— Suas últimas palavras, mago?

— Para você? Sim!

Sadie girou os braços em movimentos que poderiam ser mágicos... ou talvez de kung fu.

— *Meana aedei thea!* — Ela entoou as frases que Annabeth havia ensinado. — *En... ponte*

*pathen algae!*

Annabeth fez um careta. A pronúncia de Sadie era bem ruim. Ela tinha acertado mais ou

menos a primeira frase: *Cante sobre a fúria, ó deusa*. Mas a segunda devia ser: *No mar, que sofra*

*a miséria.* Mas Sadie dissera algum a coisa parecida com : *No mar, sofra o musgo!*

Felizmente, o som do grego antigo bastou para impressionar Serápis. O deus hesitou, com o

cajado de três cabeças ainda erguido.

— O que você...

— Ísis, me escute! — prosseguiu Sadie. — Atena, me ajude!

Ela soltou outras frases, algumas em grego, algumas em egípcio antigo.

Enquanto isso, Annabeth foi se aproximando por trás do deus, com os olhos na adaga ainda

enfia na concha do monstro. Se Serápis baixasse o cajado...

— *Alfa, beta, gama!* — gritou Sadie. — *Gyros, spanakopita. Presto!*

— Ela sorriu com triunfo.

— Pronto. Você já era!

Serápis ficou olhando para ela, perplexo. As tatuagens vermelhas em sua pele se apagaram

um pouco. Alguns símbolos viraram pontos de interrogação e carinhas tristes. Annabeth chegou

mais perto... estava a seis metros dele.

— Já era? — perguntou Serápis. — De que diabo você está falando, garota? Estou prestes a

destruir você.

— E, se destruir — avisou Sadie —, ativará a ligação m ortal que envia você para o

esquecimos ento!

— Ligação m ortal? Não existe isso!

Serápis baixou o caj ado. As três cabeças de anim al estavam na altura dos olhos de Annabeth.

O coração dela disparou. Faltavam três m etros. Se ela pulasse, talvez conseguisse alcançar a

adaga. Só teria um a chance para puxá-la.

As cabeças do caj ado não pareceram reparar nela. Elas rosnavam e m ordiam , cuspiendo

vapor em direções aleatórias. Lobo, leão, cachorro: passado, presente e futuro.

Para provocar o dano m áxim o, ela sabia qual cabeça precisava acertar.

Mas por que o futuro tinha que ser um cachorro? Aquele labrador preto era a m enos

am eaçadora das cabeças de m onstro. Com grandes olhos dourados e orelhas caídas, fazia

Annabeth se lem brar de m uitos anim ais sim páticos que conheceu.

*Não é um animal de verdade, disse a si m esm a. É parte de um cajado mágico.*

Mas, quando chegou a um a distância suficiente para acertá-lo, os braços ficaram pesados. Ela

não conseguia olhar para o cachorro sem sentir culpa.

*O futuro é uma coisa boa, o cachorro parecia dizer. É fofo e macio!*

Se Annabeth acertasse a cabeça do labrador, ela estaria matando seu *próprio* futuro, os planos

que tinha para a faculdade, os planos que havia feito com Percy ...?

Sadie ainda estava falando. Seu tom estava mais ousado.

— Minha mãe, Ruby Kane — disse Sadie para Serápis —, deu a vida para prender Apófis no

Duat. *Apófis*, veja bem, que tem mil milhares de anos a mais do que você e é muito mais poderoso.

Então, se você acha que vou deixar um deus de segunda categoria controlar o mundo, está muito

enganado!

A raiva na voz dela não era blefe, e de repente Annabeth ficou feliz de ter dado a Sadie a

tarefa de enfrentar Serápis. A mensagem era surpreendentemente apavorante quando queria.

Serápis se mexeu, pouco à vontade.

— Eu vou destruir você!

— Boa sorte — provocou Sadie. — Atei você a feitios gregos e egípcios tão poderosos que

vão lançar seus átomos às estrelas.

— Você está me entendendo! — gritou Serápis. — Não sinto feitiço nenhum em mim. Nem aquele

que me despertou tinha um magia assim.

Annabeth estava cara a cara com o cachorro preto. A adaga estava logo acima, mas as todas as

membranças do corpo dela se rebelavam contra a ideia de me atar o animal... me atar o futuro.

Enquanto isso, Sadie forçou um gargalhada corajosa.

— O que despertou você? Você está falando daquele velho golpista, Setne?

Annabeth não conhecia aquele nome, mas Serápis com certeza conhecia. O ar ao redor dele

agitou-se de calor. O leão rosnou. O lobo me ostrou os dentes.

— Ah, sim — prosseguiu Sadie. — Conheço bem Setne. Imagino que ele não tenha lhe

contado quem o deixou voltar ao mundo. Ele só está vivo porque *eu* o poupei. Você acha que a

magia *dele* é poderosa? Então me teste. AGORA.

Annabeth se mexeu. Percebeu que Sadie estava falando com *ela*, não com o deus. O blefe

estava se esgotando. Ela não tinha mais tempo.

Serápis falou com deboche:

— Boa tentativa, maga.

Quando ele ergueu o cajado para atacar, Annabeth pulou. A mão se fechou ao redor do cabo

da adaga, e ela a puxou.

— O quê? — gritou Serápis.

Annabeth soltou um choro gutural e enfiou a adaga no pescoço do cachorro.

\* \* \*

Ela esperava uma explosão.

Mas o que aconteceu foi que a adaga foi sugada pelo pescoço do cachorro com o um clipe de

papel por um aspirador de pó. Annabeth quase não teve tempo de soltar.

Ela rolou para longe quando o cachorro uivou, encolheu e murchou até implodir dentro da

concha do monstro. Serápis rugiu. Balançou o cetro, mas parecia não conseguir soltar.

— O que você fez? — gritou ele.

— Tirei seu futuro — disse Annabeth. — Sem isso, você não é nada.

O cajado rachou. Ficou tão quente que Annabeth sentiu os pelos no braço com o calor

queimá-lo. Rastejou para trás na areia quando as cabeças de leão e lobo foram sugadas pela

concha. O cajado todo desmoronou em uma bola vermelha de fogo na mão do deus.

Serápis tentou jogar longe. Só brilhou com mais intensidade. Seus dedos se curvaram. Sua mão

foi consumida. O braço todo se contraiu e evaporou ao ser puxado para dentro da esfera ardente.

— Não posso ser destruído! — gritou Serápis. — Sou o ápice da união dos mundos de vocês!

Sem minha orientação, vocês nunca vão obter a coroa! Vocês vão perecer! Vocês...

A bola de fogo brilhou e sugou o deus para seu vórtice. E, então, apagou-se com o se nunca

tivesse existido.

\* \* \*

— Ugh — disse Sadie.

Elas se sentaram na praia ao pôr do sol, vendo a maré e ouvindo o barulho dos veículos de

socorro atrás.

Pobre Rockaway. Primeiro, um furacão. Depois, um acidente de trem, um desmoronamento

de prédio e um deus enraivecido, tudo em um dia. Algumas com unidades nunca têm descanso.

Annabeth tomou um pouco de Ribena, uma bebida britânica que Sadie havia pegado na "área

de depósito pessoal" no Duat.

— Não se preocupe — disse Sadie, tranquilizando-a. — Conjurar um lanchinho não é mágia

difícil.

Do jeito que Annabeth estava com sede, o Ribena estava mais gostoso do que néctar.

Sadie parecia estar melhor. A ambrósia fizera efeito. Naquele momento, em vez de parecer

estar à beira da morte, ela só parecia ter sido atropelada por um bando de mulas.

As ondas batiam nos pés de Annabeth e ajudavam a relaxar, mas ela ainda sentia certa

inquietação pelo encontro com Serápis... uma vibração no corpo, com o se todos os ossos tivessem

virado diapasões.

— Você mencionou um nome — lembrou ela. — Setne?

Sadie torceu o nariz.

— Longa história. É um mago do mal que voltou à vida.

— Ah, odeio quando pessoas do mal voltam à vida. Você disse... que o deixou livre?

— Ah, eu e meu irmão precisávamos os ajudar dele. Na época, não tivemos muita escolha. De

qualquer modo, Setne fugiu com o Livro de Thoth, a coleção de feitiços mais perigosa do mundo.

— E Setne usou a magia para despertar Serápis.

— Faz sentido. — Sadie deu de om bros. — O m onstro crocodilo que m eu irm ão e seu

nam orado enfrentaram um tem po atrás, o filho de Sobek... Eu não ficaria surpresa se fosse m ais

um dos experim entos de Setne. Ele tenta com binar m agia grega e egípcia.

Depois do dia que elas tiveram , Annabeth queria colocar o boné de invisibilidade, entrar em

um buraco e dorm ir para sem pre. Já tinha salvado o m undo vezes suficientes. Não queria pensar

em outra potencial am eaça. Mas não podia ignorá-la. Ela tocou na aba do boné do Yankees e

tentou entender por que a m ãe o havia devolvido naquele dia, com a m agia restaurada.

Athena parecia enviar um a m ensagem : *Sempre haverá ameaças poderosas demais para serem*

*enfrentadas de frente. Seus dias de discrição não terminaram. Você precisa seguir com cuidado.*

— Setne quer ser deus — disse Annabeth.

O vento que vinha do m ar ficou frio de repente. Tinha m enos cheiro de ar fresco m arinho e

m ais de ruínas queim adas.

— Deus... — Sadie trem eu. — Aquele coroa, excêntrico e m agrelo, de tanga e cabelo de

Elvis. Que pensam ento horrível.

Annabeth tentou visualizar o homem em que Sadie descrevia. Mas logo decidiu que não queria

fazer isso.

— Se o objetivo de Setne é a imortalidade — disse Annabeth —, despertar Serápis não vai ser

seu último truque.

Sadie riu, mas sem humor.

— Ah, não. Ele só está brincando com a gente agora. O filho de Sobek... Serápis. Eu apostaria

que Setne planejou os dois eventos só para ver o que aconteceria, com o os sem ideuses e magos

reagiriam. Ele está testando magia nova, e nossas capacidades, antes de fazer sua verdadeira

aposta pelo poder.

— Ele não tem com o fazer isso — disse Annabeth, esperançosa. — Ninguém consegue se

tornar deus só com feitiços.

A expressão de Sadie não foi tranquilizadora.

— Espero que você esteja certa. Porque um deus que sabe magia grega e egípcia, que

consegue controlar os dois mundos... não consigo nem imaginar.

O estômago de Annabeth deu um nó, como se estivesse aprendendo uma nova posição de

ioga. Em qualquer guerra, um bom planej am ento era m ais im portante do que apenas poder. Se o

tal Setne havia orquestrado a batalha de Percy e Carter com aquele crocodilo, se havia planej ado

o despertar de Serápis para que Sadie e Annabeth fossem levadas a lutar contra ele... Um

inim igo que planej ava tão bem seria m uito difícil de deter.

Ela enfiou os dedos na areia.

— Serápis disse outra coisa antes de desaparecer: *vocês nunca vão obter a coroa*. Achei que

era um a m etáfora. Depois lembrei o que ele havia dito sobre Ptolomeu I, o rei que tentou se

tornar deus...

— A coroa da im ortalidade — lembrou Sadie. — Talvez um *pschent*.

Annabeth franziu a testa.

— Não conheço essa palavra. *Shent?*

Sadie soletrou.

— Um a coroa egípcia, parece m ais um pino de boliche. Não é um belo acessório de m oda,

m as o *pschent* dava ao faraó poder divino. Se Setne está tentando recriar a m agia de fazer deuses

do velho rei, aposto cinco libras e um prato dos pãezinhos queim ados da vovó que está tentando

encontrar a coroa de Ptolomeu.

Annabeth decidiu não aceitar a aposta.

— Tem os que im pedi-lo.

— Certo. — Sadie bebericou o Ribena. — Vou voltar para a Casa do Brooklyn. Depois de bater

no meu irmão por não me contar sobre vocês, sem ideias, vou botar nossos pesquisadores para

trabalhar e ver o que podem descobrir sobre Ptolomeu. Pode ser que a coroa dele esteja em

algum meu useu por aí. — O lábio de Sadie se curvou. — Apesar de eu odiar meus useus.

Annabeth passou o dedo na areia. Sem perceber, ela desenhou o hieróglifo de Ísis, o *tyet*.

— Também vou pesquisar. Meus amigos no chalé de Hécate podem saber alguma coisa sobre

a magia de Ptolomeu. Talvez eu possa convencer minha mãe a me aconselhar.

Pensar na mãe a deixou inquieta.

Naquele dia, Serápis esteve prestes a destruir tanto Annabeth quanto Sadie. Amecçou usá-las

com os portais para atrair Atena e Ísis e acabar com elas.

Os olhos de Sadie estavam agitados, com o se ela estivesse pensando a mesma coisa.

— Não podem os deixar Setne continuar com essas experiências. Ele vai destruir nossos

mundos. Tem os que encontrar essa coroa, senão...

Ela olhou para o céu, e sua voz falhou.

— Ah, minha coroa chegou.

Annabeth se virou. Por um momento, achou que o *Argo II* estava descendo das nuvens, mas

esse era um tipo diferente de barco voador: uma pequena barca de junco com olhos pintados na

proa e uma única vela branca com o símbolo *tyet* desenhado.

Ela parou delicadamente depois da arrebentação.

Sadie se levantou e tirou a areia da calça.

— Quer uma coroa para casa?

Annabeth tentou imaginar um barco daqueles navegando até o Acampamento Meio-Sangue.

— Não, não precisa. Posso voltar sozinha.

— Você que sabe. — Sadie colocou a mochila no ombro e ajudou Annabeth a se levantar. —

Você disse que Carter usou hieróglifos para ajudar seu namorado. Tudo bem, tudo ótimo, mas

prefiro ficar em contato direto com você.

Annabeth deu um sorrisinho.

— Você está certa. Não dá para confiar nos garotos quando se trata de com unicação.

Elas trocaram o número de celular.

— Mas só ligue se for urgente — avisou Annabeth. — Celulares atraem monstros.

Sadie pareceu surpresa.

— É mesmo? Nunca reparei. Acho que não devo mais andar *selfies* com caras engraçadas pelo

Instagram, então.

— Melhor não.

— Bom, até a próxima.

Sadie deu um leve abraço em Annabeth.

Annabeth ficou um pouco surpresa ao ganhar um abraço de uma garota que tinha acabado de

conhecer, uma garota que podia muito bem ter visto Annabeth com o inimigo. Mas o gesto a fez

se sentir bem. Annabeth aprendeu que, em situações de vida ou morte, as pessoas podiam fazer

amizade rapidamente.

Ela deu um tapinha no ombro de Sadie.

— Tenha cuidado.

— É difícil.

Sadie subiu no barco, que partiu para o mar. Surgiu uma neblina do nada, que ficou densa ao

redor da embarcação. Quando a neblina sumiu, o navio e Sadie Kane tinham desaparecido.

Annabeth ficou olhando para o oceano vazio. Pensou na Névoa, no Duat e em como eles

estavam ligados.

Mais do que tudo, ela pensou no cajado de Serápis e no uivo que o cachorro preto dera quando

ela o perfurara com a adaga.

— Não foi meu futuro que eu destruí — garantiu a si mesma. — Eu faço meu futuro.

Mas, em algum lugar por ali, um mago chamado Setne tinha outros planos. Se Annabeth

queria detê-lo, tinha que se preparar.

Ela deu meia-volta e saiu andando pela praia, rumo ao leste, iniciando a longa jornada de volta

ao Acampamento Meio-Sangue.

LEIA UM TRECHO DE

O sangue do Olimpo

I

JASON

**JASON DETESTAVA SER VELHO.**

Suas juntas doíam . Suas pernas trem iam . Enquanto ele tentava subir a colina, seus pulmões

chiavam com o um motor velho.

Ele não podia ver o próprio rosto, mas os dedos estavam retorcidos e ossudos. Veias azuis e

inchadas formavam teias nas costas de suas mãos.

Ele tinha até aquele cheiro de velho: naftalina e canjica de galinha. Com o isso era possível? Ele

tinha ido dos dezesseis aos setenta anos em questão de segundos, mas o cheiro de velho chegara

em um instante, tipo *bum*. Parabéns! Você fede!

— Estam os quase lá. — Piper sorriu para ele. — Você está indo muito bem .

Era fácil falar. Piper e Annabeth estavam disfarçadas de lindas jovens criadas gregas. Mesmo o

com o vestido branco sem mangas e as sandálias estilo gladiador, elas não tinham problemas em

seguir pela trilha rochosa.

O cabelo cor de mogno de Piper estava trançado e preso em um coque. Braceletes de prata

enfeitavam seus braços. Ela parecia uma estátua antiga de sua mãe, Afrodite, que Jason achava

um pouco intimidadora.

Nam orar um a garota bonita já era bem estressante. Nam orar um a garota que era filha da

deusa do amor... Bem, Jason sempre ficava com medo de cometer algum deslize que deixasse a

mãe de Piper com raiva a ponto de, do alto do Monte Olimpo, transformá-lo em um porco

selvagem.

Jason olhou para o alto da colina. Ainda faltavam uns cem metros até o cume.

— Isso foi uma péssima ideia. — Ele se apoiou no tronco de um cedro e enxugou o suor da

testa. — A magia de Hazel é boa demais. Se precisarmos lutar, não vou servir para nada.

— Não vai chegar a esse ponto — prometeu Annabeth.

Ela parecia desconfortável em seu traje de criada. Não parava de levantar os ombros para

evitar que o vestido escorregasse. O coque no alto de sua cabeça tinha se desfeito, e seu cabelo

louro caía por suas costas com o comprimido das pernas de aranha. Sabendo de seu ódio pelos

aracnídeos, Jason achou melhor não comentar isso.

— Vamos nos infiltrar no palácio — disse ela —, conseguir a informação que queremos e sair

fora.

Piper pôs no chão sua ânfora, o grande jarro de vinho de cerâmica em que sua espada estava

escondida.

— Podem os descansar um segundo. Recupere o fôlego, Jason.

Sua cornucópia, o chifre mágico da fartura, estava presa à cintura; sua adaga, Katoptris,

enfiada em algum lugar entre as dobras de sua roupa. Piper não parecia perigosa, mas, em caso

de necessidade, poderia lutar com duas lâminas de bronze celestial ou atirar manganês aduras na

cara de seus inimigos.

Annabeth tirou sua ânfora dos ombros. Ela também levava uma espada escondida; mas,

mesmo sem ter uma arma visível, parecia mortal. Seus olhos cinzentos e tempestuosos

examinavam o local, alertas a qualquer ameaça. Se algum sujeito convidasse Annabeth para

sair, Jason achava mais provável que levasse um chute no *bifurcum*.

Ele tentou controlar a respiração.

Lá em baixo, a Baía de Afales brilhava, a água tão azul que parecia tingida de corante. Lá

estava o *Argo II*, ancorado a algumas centenas de metros da orla. De longe, suas velas brancas

pareciam selos; seus noventa rem os, palitos de dente. Jason imaginou os amígonos no convés

acompanhando seu progresso, se revezando com a luneta de Leo, tentando não rir ao ver o vovô

Jason se arrastando colina acima.

— Ítaca idiota — murmurou ele.

Aquele lugar devia ser muito bonito. Havia uma serra com picos cobertos de florestas que

serpenteava pelo meio da ilha. Penhascos de calcário emergulhavam no mar. Pequenas baías

formavam praias rochosas e enseadas onde casas de telhados vermelhos e igrejas de estuque

branco se aninhavam à beira-mar.

As encostas eram pontilhadas de papoulas, açafreão e cerejeiras silvestres. A brisa tinha o

cheiro de murta em flor. Tudo muito lindo... exceto a temperatura de quase quarenta graus e o

ar úmido com o odor de uma casa de banho romana.

Teria sido fácil para Jason controlar os ventos e subir a colina voando, mas não. Para evitar

chamar atenção, tinha que se arrastar com o um velho com joelhos fracos e fedor de canja de

galinha.

Ele pensou sobre sua última escalada, duas semanas antes, quando ele e Hazel tinham

enfrentado o vilão Círon nos penhascos da Croácia. Pelo menos na época Jason contava com toda

a sua força. O que estavam prestes a enfrentar seria muito pior que um bandido.

— Tem certeza de que esta é a colina certa? — perguntou ele. — Parece tudo meio... não

sei... *quieto*.

Piper observou o cabelo. Havia uma pena de harpia azul-clara trançada em seu cabelo, uma

pluma branca do ataque da noite anterior. A pena não combinava muito com seu disfarce, mas

Piper a havia conquistado ao derrotar sozinha um bando inteiro de senhoras-galinhas demônios

durante seu turno de guarda. Piper minimizara o feito, mas Jason sabia que ela estava orgulhosa

do que fizera. A pena era um lembrete de que ela não era mais a garota do inverno anterior,

quando eles chegaram pela primeira vez ao Acampamento Meio-Sangue.

— As ruínas estão lá em cima. Eu vi na lâmina da Katoptris. E vocês ouviram o que Hazel

disse: "A maior..."

— “A maior reunião de espíritos malignos que eu já senti” — completou Jason. — É. Parece

bem legal.

Depois de tudo por que tinham passado para atravessar o tem plo subterrâneo de Hades, a

últim a coisa que Jason queria era lidar com mais espíritos malignos. Mas a missão estava em

risco. A tripulação do *Argo II* precisava tomar uma decisão muito importante. Se tomassem a

decisão errada, iriam fracassar, e o mundo inteiro seria destruído.

A adaga de Piper, os sentidos mágicos de Hazel e os instintos de Annabeth concordavam : a

resposta estava ali em Ítaca, no antigo palácio de Odisseu, onde uma horda de espíritos malignos

tinha se reunido para aguardar as ordens de Gaia. O plano era se infiltrar entre eles, descobrir o

que estava acontecendo e decidir o que fariam a seguir. Depois sair dali, de preferência vivos.

Annabeth reajustou seu cinto dourado.

— Espero que nossos disfarces funcionem . Os pretendentes eram figuras asquerosas quando

estavam vivos. Se descobrirem que somos os sem ideuses...

— A magia de Hazel vai funcionar — afirmou Piper.

Jason tentava acreditar.

*Os pretendentes:* cem dos homens mais perversos, cruéis e gananciosos que já existiram.

Quando Odisseu, rei de Ítaca, desapareceu após a Guerra de Troia, esse bando de príncipes de

segunda classe invadiu seu palácio e se recusou a sair. Todos eles tinham esperanças de se casar

com a rainha Penélope e assumir o reino. Odisseu conseguiu regressar em segredo e matar todos

eles — um a festa básica de boas-vindas. Mas, se as visões de Piper estivessem certas, os

pretendentes estavam de volta, assombrando o palácio onde haviam morrido.

Jason não podia acreditar que estava prestes a visitar o verdadeiro palácio de Odisseu, um dos

heróis gregos mais famosos de todos os tempos. Mas, afinal, toda aquela missão consistia em um

acontecimento extraordinário atrás do outro. Annabeth tinha acabado de voltar das profundezas

do Tártaro. Levando isso em conta, Jason achou que deveria parar de reclamar por ser um velho.

— Bem ... — Ele se firmou com seu cajado. — Se eu estiver *parecendo* tão velho quanto me

sinto, meu disfarce deve estar perfeito. Vão os continuar.

Enquanto subiam, o suor escorria por seu pescoço. Suas panturrilhas latejavam. Apesar do

calor, ele com eçou a trem er. E por m ais que tentasse, não conseguia parar de pensar em seus

sonhos recentes.

Desde a Casa de Hades, os sonhos haviam se tornado m ais vívidos.

Às vezes Jason estava parado no tem plo subterrâneo em Épiro, com o gigante Clítio

assom ando sobre ele, falando em um coral de vozes: *Foi preciso todos vocês juntos para me*

*derrotar. O que farão quando a Mãe Terra despertar?*

Outras vezes Jason estava no cum e da Colina Meio-Sangue e Gaia se erguia do solo, um a

figura form ada por um turbilhão de terra, folhas e pedras.

*Pobre criança. A voz dela ressoava ao longe, fazendo trepidar o chão. Seu pai é o primeiro*

*entre os deuses, mas mesmo assim você está sempre em segundo lugar — em relação aos seus*

*camaradas romanos, aos seus amigos gregos e até mesmo em sua família. Como pretende provar*

*seu valor?*

Seu pior sonho com eçava no pátio da Casa dos Lobos, em Sonom a. Juno estava parada diante

dele, reluzindo com o brilho de prata derretida.

*Você me pertence, trovej ou a voz da deusa. Um presente de Zeus.*

Jason sabia que não deveria olhar, mas não conseguia fechar os olhos enquanto Juno virava

um a supernova, revelando sua verdadeira forma divina. A dor cauterizava a mente de Jason. Seu

corpo ia se desintegrando em camadas, como se fosse um a cebola.

A cena mudava. Jason ainda estava na Casa dos Lobos, mas era um garotinho de no máximo

dois anos. Havia um a mulher ajoelhada a sua frente e um perfume de limão familiar. Seus

traços eram indefinidos, mas ele reconhecia sua voz: clara e delicada, como a mais fina camada

de gelo sobre um riacho.

*Vou voltar para buscar você, querido, dizia ela. Logo, logo estaremos juntos.*

Sempre que Jason despertava desse pesadelo, seu rosto estava coberto de suor. E lágrimas

ardiam em seus olhos.

Nico di Angelo tinha avisado: a Casa de Hades iria fazê-los reviver suas piores lembranças, os

faria ver e ouvir coisas do passado. Seus fantasmas ficariam inquietos.

Jason tinha esperado que aquele fantasma em especial permanecesse escondido, mas a cada

noite o sonho ficava pior. Agora ele estava subindo até as ruínas de um palácio onde um exército

de fantasmas havia se reunido.

*Isso não significa que ela estará lá,* disse Jason a si mesmo. Mas suas mãos não paravam de

tremeter. Cada passo parecia mais difícil que o anterior.

— Estam os quase lá — disse Annabeth. — Vam os...

*BUM!* A encosta tremeu. Em algum lugar além do cumeeiro, uma multidão com em ouro, com o

espectadores em um coliseu. O som fez a pele de Jason se arrepiar. Não fazia muito tempo que

ele havia lutado pela própria vida em um coliseu romano diante de uma enorme plateia

fantasmagórica. Ele não tinha a menor vontade de repetir a experiência.

— O que foi essa explosão?

— Não sei — disse Piper. — Mas parece que eles estão se divertindo. Vam os lá fazer amizade

com alguns mortos.



## SOBRE O AUTOR

© Michael Frost

Rick Riordan nasceu em 1964, nos Estados Unidos, em San Antonio, Texas, e hoje vive em

Boston com a mulher e os dois filhos. Autor best-seller do *New York Times*, premiado pela

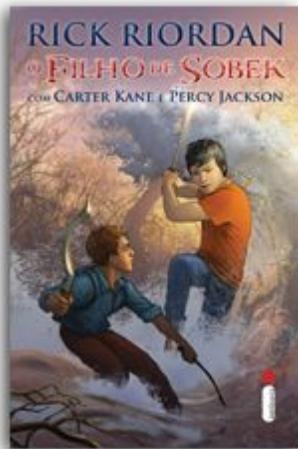
YALSA e pela American Library Association, por quinze anos ensinou inglês e história em

escolas de São Francisco, e é a essa experiência que ele atribui sua habilidade em escrever para

o público jovem . Além das séries *Percy Jackson e os olímpianos* e *Os heróis do Olimpo*,

inspiradas na mitologia greco-romana, Riordan assina a bem-sucedida série *As crônicas dos*

*Kane*, que visita deuses e mitos do Egito Antigo.

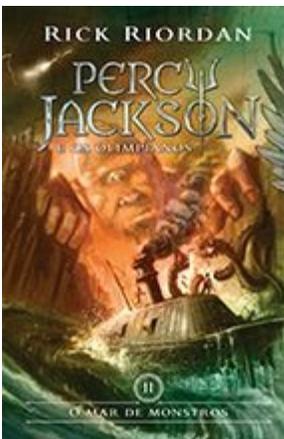
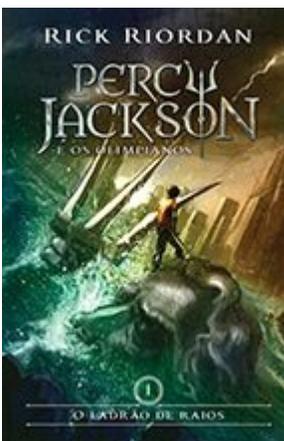


SAIBA MAIS SOBRE AS SÉRIES DO AUTOR

[\*O filho de Sobek\*](#)

PERCY  
JACKSON  
&  
OS  
OLIMPIANOS

Conheça os livros da série





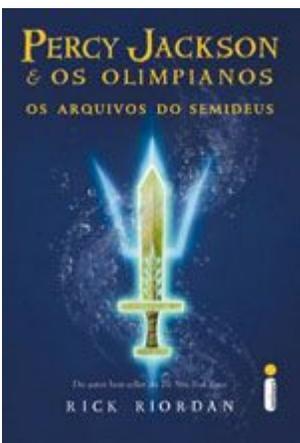
[Livro](#)

[Três](#)

[Livro Um](#)

[Livro Dois](#)





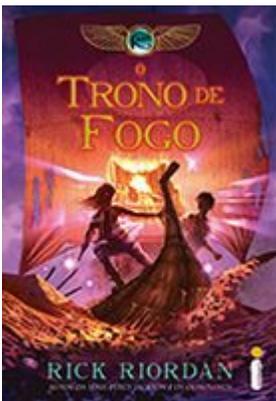
[Companion](#)

[book](#)

[Livro Quatro](#)

[Livro Cinco](#)



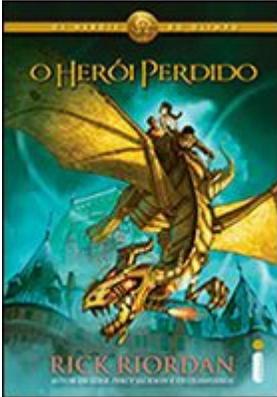


Conheça os livros da série

[Livro Três](#)

[Livro Um](#)

[Livro Dois](#)



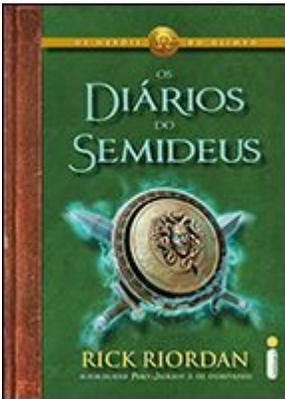
Conheça os livros da série

[Livro](#)

[Três](#)

[Livro Um](#)

[Livro Dois](#)



[Livro Quatro](#)

[Com panion book](#)



## TÍTULOS RELACIONADOS

[\*Os forasteiros\*](#)

[Michelle Paver](#)



[\*O espelho do tempo\*](#)

[Catherine Fisher](#)



[A torre invisível](#)

[Nils Johnson-Shelton](#)

# Document Outline

- [Folha de rosto](#)
- [Créditos](#)
- [Mídias sociais](#)
- [O cajado de Serápis](#)
- [Leia um trecho de O sangue do Olimpo](#)
- [Sobre o autor](#)
- [Saiba mais sobre as séries do autor](#)
- [Títulos relacionados](#)